

Atividade remota está longe da realidade da maioria dos paraibanos

Sem condições de trabalhar à distância, profissionais como garçons, vendedores de loja e empregadas domésticas perderam emprego e não conseguem voltar ao mercado. [Página 14](#)

Entrevista

Foto: Arquivo pessoal



Saúde Educadora Fabíola Ferreira diz que ginástica para o cérebro ajuda na luta contra a covid. [Página 4](#)

Paraíba

Sem presença de fiéis, Igreja celebra Domingo de Ramos

Data, que representa a entrada de Jesus em Jerusalém, marca o início das celebrações da Semana Santa. [Página 6](#)

Foto: Divulgação

Esportes



Entrevista Descobridor de talentos no futebol da PB, Ramiro Sousa fala do seu novo desafio. [Página 21](#)

Economia

Indústria inicia recuperação após meses de incertezas

Até junho de 2020, produção sofreu redução, mas setor se adaptou e fechou o ano com saldo positivo. [Página 17](#)

Almanaque



Ilustração: Miguel Falcão

Educação

Dumerval Trigueiro Mendes adotou a Paraíba como casa e a educação como bandeira de luta. É considerado um dos grandes intelectuais do país. [Página 25](#)

Colunas

// Indigentes intelectuais não estão nas periferias dos grandes centros ou nos grotões distantes. Eles estão encastelados em prédios luxuosos ou condomínios fechados // [Página 2](#)

Rui Leitão

// Quando se perde alguém que se ama, parte da gente também se vai. Afinal, não somos ninguém sem o outro. Na verdade, somos uma relação. Não uma mera subjetividade. // [Página 11](#)

Hildeberto Barbosa Filho

O sustento que vem do mar e dos rios

Profissão milenar, pescadores convivem com os desafios e incertezas para enfrentar, todos os dias, águas nem sempre tranquilas, de onde tiram o sustento para suas famílias. [Página 5](#)



Foto: Evandro Pereira

Correio das Artes



Foto: Arquivo A União

Cultura

Autor de 'Meu sublime torrão', Genival Macêdo faria 100 anos

Compositor é tema de reportagem em A União e também do Correio das Artes, no qual Elba Ramalho e Gilberto Gil falam, com exclusividade, sobre o paraibano. [Página 9](#)

Política

Foto: Arquivo pessoal



Mulheres no poder

Adotados pioneiramente pelos partidos de esquerda, como o PCdoB, que tem à frente Gregória Benário (foto), a capacitação e o empoderamento feminino se tornaram uma tendência para todas as outras alas. [Página 13](#)



MARCO AZUL MARINHO
MÊS DE CONSCIENTIZAÇÃO DO
CÂNCER
COLORRETAL



Conversas com quem já se foi



Em momentos de questionamentos sobre a vida e sobre a morte, religiões ajudam a entender as despedidas

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Vivendo em um período de tragédias diárias, as perdas de pessoas queridas, sejam familiares, amigos ou colegas não tão próximos, tem provocado um processo doloroso em muitos de nós. Entender e aceitar as despedidas nem sempre é fácil, e as religiões podem ser um caminho para explicar a partida de alguém, ou mesmo para fazer a comunicação entre os que ficam e os que se foram. Para o dicionário Michaelis, a mediunidade é uma qualidade presente no Espiritismo relativa ao dom de ser médium. Este que, por sua vez, significa “pessoa que tem o dom de se comunicar com os espíritos”, conforme o mesmo dicionário. Segundo Mônica Rocha, coordenadora de Mediunidade da

Federação Espírita Paraibana, “a mediunidade, como nos esclarece o Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, é uma ‘faculdade inerente’ ao humano. Todas as pessoas são médiuns de alguma forma ou em algum grau, pois vivemos em constante conexão mental com os Espíritos, sejam eles encarnados como nós (os vivos) ou desencarnados (a quem comumente chamamos mortos)”, contou. Ainda de acordo com Mônica, essa conexão mental se explica devido ao fato de que os humanos sempre emanam e recebem pensamentos que os ligam uns aos outros. “Ou seja, vivemos todos interconectados em uma rede mental, uma vez que o pensamento é uma energia poderosíssima, que nos faz sintonizar com todos os seres que se afinam conosco, que

pensam e sentem como nós, e recebemos pensamentos do mesmo teor, por isso tantas religiões e filosofias nos adverte para nos mantermos otimistas, sermos fraternos e praticarmos o bem, para atrair boas energias”, explicou. Assim, todos são tidos como médiuns, mesmo sem saber, e assim pode se comunicar com espíritos, defende. “A mediunidade de efeitos físicos se manifesta por ruídos, movimentos de objetos, materialização dos espíritos ou objetos. Enquanto a mediunidade de efeitos inteligentes, que é a mais conhecida, manifesta-se através de psicografias, psicofonias, clarividência, clariaudiência ou até mesmo no olfato”. A conexão com pessoas que já se foram pode acontecer, portanto, de formas distintas.

“A maneira mais usual, que todos nós fazemos, é durante o sono. Os espíritas entendem os sonhos também como comunicação entre espíritos. Quando dormimos, libertamo-nos do corpo físico e recobramos as faculdades de espírito e nos encontramos com aqueles seres amados que deixamos no mundo espiritual quando encarnamos. Quando dissemos ‘hoje sonhei com aquele ser querido que desencarnou e foi tão real’, na verdade, nós nos encontramos com a criatura amada, e isso nos conforta e alivia a saudade”, observou Mônica. Além dos sonhos, os médiuns podem ser pontes entre o mundo físico e o mundo espiritual. Conforme Mônica Rocha destaca, Chico Xavier é um exemplo conhecido de médium que teve como uma de

suas missões consolar aqueles que perderam alguém querido. Contudo, ela ressalta a importância de se ter cuidado ao procurar um médium, “pois existem pessoas que abusam da boa-fé de alguns. O verdadeiro consolo está na fé raciocinada, aquela que compreende o porquê da vida, de onde viemos, porque estamos aqui e para onde vamos”. Rocha ainda frisa que nem todo médium é Espírita e nem todo Espírita é um médium ostensivo. Para Mônica, a mediunidade deixou de causar o medo que causava na infância e deu lugar ao conhecimento, se tornando algo positivo que a fez encontrar respostas para melhor compreender a vida e ter mais serenidade em viver. “A experiência mediúnica bem compreendida é um presente

Divino, que nos descortina a importância da vida, nos ajuda no autoconhecimento e nos faz lembrar os propósitos da criação Divina, é uma bússola que nos auxilia a domar nossas imperfeições”, argumentou.

Foto: Arquivo Pessoal



Espírita Mônica Rocha conta como entender a morte para viver melhor

+ Crenças têm formas diferentes de entender os estados de vida e de morte

A conexão com aqueles que já partiram, para outras religiões, pode acontecer de maneiras diferentes do apresentado pelo Espiritismo. Nas religiões de matrizes africanas, por exemplo, a conexão com os seres amados, que já partiram, acontece através da ancestralidade, que, como explica Mãe Renilda de Albuquerque, candomblecista, “são os nossos mais velhos e mais velhas que partiram para o Orum, o espaço onde vivem os nossos entes queridos”.

Segundo Mãe Renilda, neste caso, a conexão pode ser feita através dos orixás, dos voduns, inkices, pretos velhos e caboclos, que são divindades africanas. “Batemos nossa cabeça, rezamos aos ancestrais e a energia nos traz alívio e harmonia. Sentimos a presença dos nossos amados que por aqui passaram, cada momento é muito sagrado, sentindo energia vital e assim fica apenas uma grande saudade, mas, com a certeza de que nos encontraremos no Aye”, destacou.

Nas religiões como as de base cristã, o Islamismo, o Judaísmo e o Budismo, a conexão com os que já se foram não é um assunto amplamente pautado. Na verdade, as crenças aqui diferem com relação ao que acontece após a morte de alguém, levando a caminhos como aqueles que acreditam em reencarnação, como também aqueles que acreditam em céu, inferno e vida eterna. As religiões que possuem suas estruturas baseadas no

Cristianismo acreditam na ressurreição daqueles que morreram crendo em Jesus Cristo no momento em que houver o arrebatamento, havendo, assim, o encontro de todos em um novo lugar, com as bonanças prometidas através da Bíblia Sagrada, para viver a Vida Eterna. No caso do Islamismo, a ideia de Céu e Inferno é o principal pilar do destino de alguém após a morte, parecido com os cristãos, entretanto, no caso dos islamitas a decisão parte do deus Alá.

Para o Judaísmo e o Budismo existe a crença de que um espírito, após a morte, pode voltar à Terra. A diferença entre elas está nas formas como isso acontece. Os budistas acreditam que um espírito, a depender da sua vida na Terra, pode voltar como seres humanos ou animais, incluindo insetos como baratas ou pulgas, por exemplo, em casos de má conduta. Já os judeus creem que uma alma pode retornar quando acredita que ainda existe uma missão a cumprir na Terra.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“NOSSO ATO É EM SOLIDARIEDADE AOS PROFISSIONAIS DA LINHA DE FRENTE”, AFIRMA ARCEBISPO DA PARAÍBA

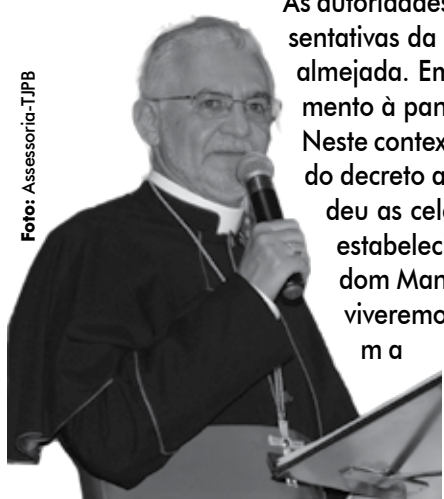


Foto: Assessoria-TJPB

As autoridades de saúde da Paraíba têm destacado que, sem a adesão da população e das entidades representativas da sociedade civil, as medidas restritivas para conter o avanço da covid-19 não terão a eficácia almejada. Em outras palavras, a população precisa se sentir corresponsável neste processo de enfrentamento à pandemia, sem o que se tornará ainda mais árdua e longa a caminhada para vencer a doença. Neste contexto, há que se destacar a postura adotada pela representação católica na Paraíba. Ainda antes do decreto anterior publicado pelo Governo do Estado, a Arquidiocese da Paraíba se antecipou e suspendeu as celebrações presenciais nas igrejas, que, de fato, estiveram entre os itens contidos nas normas estabelecidas pelo Governo do Estado. Nesse sentido, é oportuno destacar as reflexões do arcebispo dom Manoel Delson (foto) sobre esse cenário delicado em que vivemos: “Assim como no ano passado, viveremos a paixão, morte e ressurreição do Senhor com a mesma intensidade e fé. Diferente da forma que gostaríamos, mas com a mesma fé no Cristo ressuscitado! Temos que fazer a nossa parte para evitar o colapso total do sistema de saúde. Nosso ato também é em solidariedade aos profissionais da linha de frente, que vêm enfrentando um esgotamento físico e emocional. Nosso ato é uma defesa da vida! Acreditamos que, juntos, igreja, sociedade e poderes públicos, nós venceremos essa pandemia”.

“AINDA ESTÃO ALTOS”

No Twitter, o governador João Azevêdo mencionou a estabilidade na disseminação da covid-19, mas referendou a necessidade de potencializar os resultados: “Conseguimos estabilizar a curva de casos, que apresentava tendência de crescimento acelerada. Mas os números ainda estão altos e medidas precisam ser adotadas para preservar vidas e reduzir óbitos”.

ZERO EM CIÊNCIA

A ciência, definitivamente, não é um ponto em que membros da gestão Bolsonaro se destaquem. Depois das sandices relacionadas a tratamentos precoces com cloroquina, outra ‘pérola’ ficou a cargo do ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Onyx Lorenzoni, para quem formigas e pulgas podem transmitir covid-19 a humanos.

“É UMA IDIOTICE”

Onyx Lorenzoni usou a absurda declaração para criticar ações de distanciamento social recomendadas por autoridades científicas, inferindo que não seria possível evitar que os insetos transmitissem o vírus, ao se locomoverem. Ao site Congresso em Foco, o professor da USP, Gonçalo Vecina, disse que a fala de Lorenzoni “é uma idiotice”.

NACIONAL SÓ NO NOME

João Azevêdo fez coro com outros governadores contra a forma como foi formado o Comitê Nacional para Enfrentamento à Covid-19 do Governo Federal. É que de ‘nacional’ só tem o nome. Não há representantes dos estados e municípios. “Não é nacional e sim federal. Para ser nacional teria que ter todos os componentes [federativos]”.

“A PÁTRIA DAS MÁSCARAS”

Ainda é cedo para saber se o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, irá afugentar o negacionismo da gestão Bolsonaro em relação aos ditames recomendados pela ciência para conter a covid-19. Mas, ao menos, ele vem sendo uma voz dentro do governo com esse fito: “A pátria das chuteiras agora é a pátria das máscaras”, disse a jornalista.

CARRO-PIPA: ALPB RECEBE GARANTIA DE CONTINUIDADE

“O ministro confirmou o repasse dos recursos para que o Ministério da Defesa pague, em até 48 horas, os pipeiros, de modo que a operação possa ser retomada”. Do deputado Adriano Galdino, referindo-se à intermediação feita pelo Legislativo com o ministro Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) para a continuidade da Operação Carro-Pipa, no semiárido paraibano.

Fabíola Ferreira dos Santos,
Educadora

“Ginástica para o cérebro ajuda na luta contra a covid-19”

Especialista assegura que atividade traz benefícios para a vida de uma forma geral, e ainda mais em tempos de pandemia

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O autocuidado ganhou ainda mais holofote diante do cenário de pandemia, em que cuidar da saúde, seja física ou mental, se tornou ainda mais importante. Existe um universo de possibilidades que pode ser englobado por essa palavra de 11 letras, desde os exercícios físicos, os cuidados com a pele (o famoso *skincare*), uma alimentação saudável ou os cuidados com a saúde mental, com a psico-

terapia, por exemplo.

Além de tudo isso, existe também a chamada “ginástica para o cérebro”, que visa estimular habilidades cognitivas e emocionais através de exercícios envolvendo lógica, quebra de comportamentos automáticos, concentração e outras ferramentas. Os estímulos possibilitam a formação de novas conexões neuronais que resultam em um melhor aproveitamento do cérebro e todo o seu potencial.

Os cuidados com essa re-

gião do corpo podem até possibilitar melhores resultados na recuperação de doenças como a covid-19. Há cerca de nove anos de atuação na área da ginástica cerebral, a educadora Fabíola Ferreira dos Santos, de 33 anos, conversou com a reportagem de **A União** para falar sobre o que é essa prática e quais os benefícios que a ginástica para o cérebro pode trazer para a vida dos indivíduos, principalmente nesse contexto desgastante relacionado ao novo coronavírus.



“Quando eu penso em cérebro, eu penso que ele comanda minha fala, meu pensar, o meu agir...”, destaca Fabíola Santos

A entrevista

A covid-19 se apresentou como desconhecida e, devido a isso, é uma doença em estudo constante. Alguns desses estudos apontaram resultados ligados ao comprometimento do cérebro em pacientes que tiveram casos graves da doença. Quais as sequelas possíveis de acometer a região cerebral?

Hoje nós estamos diante de uma situação muito grave em todo planeta. Essa pandemia, com esse vírus devastador, que veio tirar a paz, a saúde e a vida de muitos. O mundo está direcionando às pesquisas para descobrir mais informações sobre esse vírus, que até então era desconhecido e, o que hoje nós temos demonstra que o vírus pode comprometer a coordenação motora, o sistema respiratório e, especificamente aqui, também vem comprometendo pessoas através de problemas neurológicos, como esquecimentos, a falta de disposição para realizar certas ações, que, conseqüentemente, são ações realizadas pelo nosso cérebro.

Diante desse quadro de sequelas possíveis, como a ginástica cerebral pode contribuir para amenizar esses danos?

A ginástica para o cérebro traz benefícios para a vida de uma forma geral, e nesse momento que a gente está vivendo, tão caótico, ela vai proporcionar resultados importantíssimos, porque assim como nós sabemos a importância de trabalhar nosso corpo, para a nossa mente é fundamental a ginástica, que tem essa função de exercitar e ativar as nossas habilidades, de fazer novas conexões neuronais acontecerem, de realizar um processo de ativação total do nosso cérebro, trazendo novas capacidades, ativando tudo que nós podemos com relação às habilidades cognitivas.

Se a gente direcionar isso para a covid-19, uma pessoa que trabalha com a ginástica cerebral vai estar trabalhando essa perspectiva de se sentir melhor, de se sentir mais ativo. Afinal, sabemos que esse vírus não ataca só o corpo, ele ataca o emocional, ele ataca o sistema neurológico, trazendo diversos malefícios para a vida.

Estudos apontam que a reserva cognitiva dos pacientes acometidos pela doença pode ser decisiva nesta resposta do ser humano à covid-19. O que é a reserva cognitiva?

Cada vez mais a gente observa as pessoas terem esse interesse por algo tão precioso que é a reserva cognitiva. De forma simples, ela é uma espécie de poupança que nós precisamos durante toda uma vida e em cada momento da nossa vida estamos trabalhando as novas conexões neuronais trazendo resultados. Essa reserva cognitiva é o acúmulo de muitas conexões sendo realizadas. Se nós pararmos para observar que quanto mais nós temos um acúmulo, melhor resultado nós vamos ter, nós entendemos que precisamos ter uma melhor reserva. Assim como uma poupança, pois, não é bom termos uma quando necessário? A reserva cognitiva é essa poupança. Então, quanto mais eu tiver essa reserva, melhores resultados eu vou ter, melhores recuperações em casos de doenças, por exemplo, diante desse vírus que acomete muitas pessoas, infelizmente.

Como a reserva cognitiva nos ajuda ao longo da vida? E como ela pode auxiliar na resposta contra a covid?

Quando nós acionamos esse olhar de ter uma boa reserva cognitiva e de estar trabalhando bem o cérebro, conse-

quentemente, teremos melhores respostas em tudo que formos realizar. Nesse momento, sobre a covid, quando se tem uma boa reserva cognitiva, os resultados, o retorno a todas as ações sociais e de vida que se precisa realizar, terão um processo mais rápido. Não que seja imediato, porque tudo na vida tem o seu tempo, mas por ter se mantido ou estar se mantendo ativo, essa reserva cognitiva vai auxiliar dando mais direcionamento, dando mais força e determinação para retornar a todas as atividades.

É importante que as pessoas tenham esse start de que é preciso trabalhar esse órgão, o cérebro, que é fundamental para a nossa existência. Quando eu penso em cérebro, eu penso que ele comanda minha fala, meu pensar, o meu agir, as ações dos meus órgãos internos... Para estimular o cérebro de forma correta, é preciso realizar ações simples como, por exemplo, sair de casa para o trabalho de forma [ou caminho] diferente, sentar para estudar com um outro mecanismo. Assim está sendo feita a ginástica cerebral, ativando essas novas conexões diariamente para trazer resultados ao longo da vida.

Quando ouvimos sobre ginástica cerebral, parece ser algo complicado ou de difícil compreensão. Afinal, o que é a ginástica para o cérebro?

Acho que a sociedade vem acordando ao longo dos anos para essa perspectiva de uma qualidade de vida e essa qualidade de vida é buscar ter meu corpo bem, por isso, a ginástica corporal é tão importante, se manter ativo, seja em uma caminhada, seja numa academia, seja numa hidroginástica, seja qual for atividade física; é ter uma boa alimentação, porque através dos alimentos saudáveis, você traz muitos benefícios para tua vida; e

a ginástica cerebral precisa estar entrelaçada a tudo isso.

A ginástica para o cérebro faz com que o indivíduo saia da caixinha, dessa rotina de fazer sempre as mesmas coisas. O nosso cérebro demanda muita atenção e energia para realizar ações, só que chega um determinado momento da nossa vida que já realizamos tanto essas ações específicas, como o jeito de estudar ou trabalhar, que reduzimos esse gasto de energia que usamos para essas atividades. Sabe aquela coisa quando a gente tem a sensação de que tá fazendo no automático? É exatamente isso. Você está fazendo ali no automático, somente reproduzindo, porque já conhece como faz. É esse processo de fazer com que você realiza outras ações no meio da sua vida, para que tudo que você venha realizar no seu cotidiano, você tenha a maior atenção. Isso é a ginástica cerebral e ela foi desenvolvida através de estudos, através de toda uma equipe preparada para realizar atividades diferenciadas, atividades que são crescentes, com desafios e variedades crescentes, que fazem com que você amplie sua visão espacial, que você amplie sua atenção, e a sua concentração, dentre outras habilidades.

Para quem se destina a ginástica cerebral e quais os benefícios para as diferentes faixas etárias e, consequentemente, fases da vida?

Nós, educadores da ginástica cerebral, recebemos alunos a partir dos seis anos, que sejam alfabetizados, para que eles consigam desenvolver, através do seu entendimento, os desafios e as atividades propostas. É indicado para essas crianças para estimular a concentração, o foco, a disciplina e a visão espacial. Isso resulta em uma série de benefícios para sua escola,

por exemplo, trazendo melhores notas, trazendo melhor atenção no que está estudando e melhor concentração para absorver os conteúdos para seu desenvolvimento.

Na fase do jovem e adulto é quando geralmente são cobradas muitas ações de trabalho, ou passar num concurso público ou em uma faculdade. Nossa sociedade exige que você precise sempre estar dando melhores resultados e a ginástica cerebral vem para trazer resultados positivos trabalhando com estabilidade, ter melhor atenção no que está fazendo, o foco sendo estimulado para você saber o que precisa realizar, determinando seu tempo, seu planejamento, sua organização, fazendo com que a retenção de informações e de estudo, seja para sua faculdade, seja para seu concurso, seja aprimorada.

Já com aqueles de mais de sessenta anos, é ainda mais importante, porque, nesse período da vida, a maioria das pessoas começam a diminuir as suas atividades, a se aposentar, já trabalharam tanto em outras funções e nesse momento que começa a situação de você ter que reduzir toda uma rotina. Então, é importante se manter ativo, se ver capaz de realizar todas as ações, através da ginástica cerebral, porque ela vai manter o cérebro dessa pessoa, que passou toda a vida trabalhando e cuidando de seus familiares, ativo e realizando atividades tendo uma rotina, já que os exercícios seguem um cronograma, estimulando essa disciplina e proporcionando uma sensação de bem-estar e autoconfiança.

Com esse período de quarentena e isolamento social, todas as atividades sociais, profissionais, acadêmicas e escolares se concentram nas telas, bem como o lazer, com as séries e filmes. Diante disso,

estudos identificaram o fenômeno chamado de Zoom Fatigue, que é nada mais do que a exaustão mental causada pela exposição prolongada às telas de computadores, televisores, celulares, etc. Como a ginástica cerebral pode contribuir no alívio dessa exaustão ou a fim de amenizar os impactos dessa alta exposição?

Toda essa situação nesta pandemia mexe com o ser humano de uma forma total, porque além do físico, a doença [ou o medo da doença] também mexe com o emocional, tanto nas pessoas afetadas com o vírus, quanto, por exemplo, os parentes que vivenciam isso junto a essa pessoa. E aí, essa situação tão devastadora mexe ainda mais somada ao aprisionamento, pois nós não fomos criados e ensinados a ficar de quarentena, a trabalhar em casa e isso afeta muito nosso emocional. Estamos sendo cobrados emocionalmente todos os dias, a sensação de trabalhar em casa pode ser de descanso, mas o que acontece é que você está ali tentando fazer tudo que o presencial proporcionava diante de uma tela.

Mesmo antes da pandemia, a ginástica cerebral já auxiliava nas rotinas, mas agora ela vem auxiliar na sensação de você reconhecer os seus limites, saber quando é preciso ter a pausa de descanso, perceber quando é preciso estimular o cérebro de uma outra forma, fazer de uma forma mais dinâmica, para poder ter menor nível de exaustão e assim ter essa sensação de bem-estar, de satisfação em conseguir desafios diferentes. Quando você exercita o cérebro, você estimula novas conexões, se sentindo capaz, se sentindo bem e você consegue ter esse olhar direcionado a esse sentimento de que consegue realizar diferentes ações e trazer resultados muito produtivos mesmo nesse momento.



Foto: Arquivo pessoal

Domingo de Ramos abre hoje celebrações da Semana Santa

Data representa a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém; Arquidiocese da Paraíba fará a celebração sem a presença de fiéis

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O Domingo de Ramos é a forma tradicional de como o domingo que antecede o Domingo de Páscoa é conhecido. Considerada pelos católicos como uma espécie de grande portal para as celebrações da Semana Santa, a data rememora a entrada triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém, ocasião em que foi reconhecido e recebido como o Filho de Deus. O significado do nome deste dia está diretamente ligado a essa recepção, pois as pessoas o saudaram com ramos de oliveira e palmeira. Devido à pandemia, a Arquidiocese da Paraíba terá celebrações sem a presença de fiéis, com transmissão on-line.

De acordo com o padre Marcelo Monte, da Arquidiocese da Paraíba, o Domingo de Ramos significa, portanto, a celebração desse ingresso de Jesus, “é caminhar com Jesus para Jerusalém, é ingressar nesse mistério pascal de Cristo”. O mistério pascal representa a Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus.

Responsável por introduzir as celebrações tradicionais do período de Páscoa, o Domingo de Ramos “nos aponta Jesus, que entra em Jerusalém para sofrer, morrer e ressuscitar”, disse o padre. As três datas que su-

cedem o Domingo de Ramos são: a última ceia, que marca o início do Tríduo Pascal; a vigília pascal, que acontece no Sábado Santo (também conhecido como Sábado de Aleluia); e o Domingo de Páscoa, conhecido como o Dia da Ressurreição de Jesus.

“Temos, com o transcorrer da Semana Santa, essa celebração do Mistério Pascal. Jesus que na última ceia antecipa ali a doação de vida através do serviço e a igreja faz isso pelo serviço da caridade e o serviço também do sacerdócio. Na Sexta-feira da Paixão, o mundo entra na escuridão da morte de Jesus, então é como um batismo. Ali toda a Igreja vive um batismo dentro da morte de Cristo, que não é uma morte solitária, mas solidária. No sábado da vigília pascal, a Igreja dá o grito do aleluia, dá esse grito com esperança, anunciando que a morte não tem a palavra definitiva, pois a palavra definitiva é do Cristo que morreu, mas que ressuscitou para dar vida nova a todos”, explicou padre Marcelo.

Para os católicos, a vivência do Domingo de Ramos e da Semana Santa traz uma identificação com esse Jesus Cristo que passa pela morte e que ressuscita, assim como os cristãos creem que passarão também pela morte e ressuscitarão um dia. “A importân-

cia (dessa celebração) para nós católicos está no plano da identificação. A vida do discípulo de Jesus tem o mesmo destino do Mestre, e Ele morreu na cruz e ressuscitou”, argumentou o sacerdote.

Segundo padre Marcelo, o Domingo de Ramos é realmente essa lembrança da vida batismal do cristão. “Nós aclamamos o Cristo que entra em Jerusalém montado no jumentinho e seguimos ele, pelo caminho da cruz e da ressurreição, como eu disse anteriormente”, completou. Durante a celebração nos cultos, a igreja utiliza os ramos para resgatar esse símbolo e, conforme destacou o sacerdote, isso significa “testemunhar publicamente a nossa vida batismal, de que nós estamos com Senhor, inclusive no momento de dificuldade, de dores da vida e em um momento como esse que nós vivemos”, explicou o religioso. Ele finalizou: “Nós, como cristãos, também devemos testemunhar a nossa vida, toda unida ao mistério pascal de Cristo, que também se identifica com sofrimento da humanidade, que padece neste momento, por exemplo, da pandemia”.

Os ramos utilizados geralmente são queimados e suas cinzas são guardadas para a cerimônia da Quarta-feira de Cinzas do ano seguinte.



Simbolismo dos rituais santos

Na segunda-feira após o Domingo de Ramos, a data na programação da Semana Santa é usado para relembrar a prisão de Jesus Cristo. Seguindo a semana, na terça-feira existe a celebração das Sete Dores de Nossa Senhora Virgem Maria para a Igreja Católica. Esse terceiro dia da Semana Santa é também conhecido por ser o dia da memória do encontro entre Jesus e Maria ao longo do caminho para o Calvário. Na quarta-feira, em algumas igrejas, há a celebração de uma procissão do encontro de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores (em João Pessoa, essa celebração ocorre na sexta-feira anterior, mas este ano não houve devido à pandemia). Também existem aquelas igrejas que celebram o Ofício das Trevas, repercutindo a mensagem de que o mundo está em escuridão em razão da morte de Jesus.

A manhã da quinta-feira é marcada pela tradicional bênção dos Santos Óleos usados por bispos e seu clero

em cerimônias de batismos, ordenação de padres e bispos, crisma, dentre outras. Durante a noite, a lembrança da trajetória de Jesus é através dos gestos feitos na Última Ceia, como a instituição da Eucaristia, o exemplo do lava-pés.

Conforme explica a Comunidade Católica Shalom, através de seu site, a missa celebrada na tarde de quinta-feira abre o Tríduo Pascal “e comemora a Última Ceia, na qual Jesus Cristo, na noite em que vai ser entregue, ofereceu a Deus Pai o seu Corpo e Sangue sob as espécies do Pão e do Vinho, e os entregou para os apóstolos para que os tomassem, mandando-lhes também oferecer aos

seus sucessores. Nesta missa faz-se, portanto, a memória da instituição da Eucaristia e do Sacerdócio. Durante a missa ocorre a cerimônia do Lava-Pés que lembra o gesto de Jesus na Última Ceia, quando lavou os pés dos seus apóstolos”. Nesta missa, o sermão é conhecido como do Novo Mandamento, falando sobre a caridade recomendada e ensinada por Jesus Cristo.

Celebrações da Semana Santa relembram os eventos que marcam a prisão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Calendário de datas móveis

O cálculo que determina o Domingo de Páscoa anualmente é responsável por fixar todos os feriados e festividades de datas móveis. A Páscoa deve, tradicionalmente, ser celebrada no primeiro domingo depois da primeira lua cheia que acompanha o equinócio de primavera do Norte, com início em 21 de março. Quando esse dia ocorrer após o dia 21 de abril, a Páscoa sempre será celebrada no domingo anterior a isso, exceto quando a lua cheia acontecer exatamente no dia 21 de março,

sendo domingo, porque aí a Páscoa passa para o dia 25 de abril. Sendo assim, a Páscoa nunca irá acontecer antes de 22 de março ou depois do dia 25 de abril.

A partir da data estabelecida para a Páscoa, é possível conhecer o restante do calendário. O domingo de Carnaval é sempre 49 dias antes da Páscoa; a Quarta-feira de Cinzas é 46 dias antes; o Domingo de Ramos é 7 dias antes; o Domingo do Espírito Santo é 49 dias após a Páscoa e Corpus Christi é 60 dias depois.

Como serão as cerimônias religiosas

Arquidiocese da Paraíba

Programação será transmitida pela internet, pois as celebrações não terão a presença dos fiéis. Hoje, às 9h, haverá a celebração do Domingo de Ramos transmitido através de um canal aberto de TV local e pela Rádio Consolação FM, além da internet.

Diocese de Campina Grande

Várias medidas de segurança sanitária foram tomadas durante as celebrações. As paróquias farão transmissões das atividades religiosas em seus canais de rede sociais.

Diocese de Guarabira

O Domingo de Ramos na Diocese será realizado apenas na Catedral Diocesana e na Igreja Matriz de cada paróquia. A presença de fiéis será limitada. As procissões tradicionais da data não serão realizadas.

Diocese de Cajazeiras

Os meios de comunicação da Diocese de Cajazeiras irão transmitir as celebrações da Semana Santa, inclusive do Domingo de Ramos. Não serão realizadas procissões.

Diocese de Patos

Transmissões das celebrações serão realizadas através dos canais das paróquias nas redes sociais. Medidas preventivas para evitar contágio da covid-19 entre os participantes das celebrações estão sendo tomadas.

Novas formas de afeto na pandemia

Psicóloga diz que perfil afetivo das pessoas mudou porque elas tiveram que se reinventar diante da nova dinâmica que o mundo vivencia

Carol Cassoli
Especial para A União

Em tempos de isolamento, a tendência é se afastar. Com tantas restrições, é normal que as pessoas diminuam o contato. Isto porque, a imposição do distanciamento social somada às preocupações com a saúde e às medidas sanitárias, faz com que muitas pessoas percam o contato de outras maneiras que não apenas físico. O chamado "efeito covid" gerou, no ano passado, o afastamento de mais de 500 mil pessoas do trabalho por transtorno mental. Os dados são da Secretaria de Previdência e Trabalho e apontam para um aumento de 26% em comparação ao ano anterior. Além disso, a Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) mos-

trou que a saúde mental dos jovens piorou tanto durante a pandemia de covid-19 que 76% se afastaram completamente da sociedade, ficando ausentes de redes sociais e formas de contato digitais.

A psicóloga Rosane Vieira atribui a dificuldade da população em se expressar a uma carga cultural em que as pessoas são socialmente construídas para não exprimirem suas sensações mais profundas, pois assim estarão mais vulneráveis que outras. "A gente vive numa sociedade em que quem demonstra, dá aberturas para as pessoas se aproveitarem e isso vai nos tornando cada vez mais enclausurados em relação a demonstrar o que sentimos e ter medo de que esse sentimento não seja recíproco". Rosane percebe que este movimento social

leva as pessoas a se ressentirem mais e, então, guardarem os sentimentos para si mesmas.

A psicóloga explica, no entanto, que o perfil afetivo das pessoas mudou bastante nos últimos doze meses, porque a população teve que se reinventar diante da nova dinâmica que o mundo vivencia. "A gente, hoje, tem estado mais distante fisicamente das pessoas e, com isso, precisamos aprender a nos expressar de outras maneiras". Rosane diz que algumas formas de comprovação de afeto, como ligações (geralmente evitadas após o desenvolvimento da tecnologia), voltaram a ser opções viáveis.

São muitas imposições que resguardam a saúde por meio da distância e, então, se torna cada vez mais difícil exceder a regra e conti-

nuar perto mesmo estando longe. A pesquisa realizada pela SBU concluiu que mais de 67% dos jovens apresentaram alterações no humor, aumento da sensação de ansiedade e níveis altos de irritabilidade após serem isolados do contato presencial. Diogo Rodrigues e Thayron Graco fazem parte desta parcela da sociedade. Os jovens são amigos há 5 anos, têm uma banda juntos e sempre estiveram próximos em todos os momentos. Com a chegada da pandemia, Diogo e Thayron tiveram que se afastar e voltaram a se ver há pouco tempo, apenas para dar continuidade aos projetos da banda Turmalina Parahyba.

"Com a pandemia eu me senti mais ansioso. Muito mais que em qualquer época da minha vida," explica. Diogo relata que, se não tives-

se mantido o contato com os amigos, certamente estaria pior. "Falo sempre com os mesmos - senão estaria doido -, mas com outros rolou uma certa distância", explica o músico que encontrou nas amizades um porto seguro em tempos tão difíceis.

Rosane observa que, de uma forma geral, as pessoas passaram a demonstrar mais afeto, por conta de toda a carência que o isolamento social provocou. "Ficou muito mais fácil para falar do que estão sentindo e demonstrar isso também," diz. Rosane comenta que as manifestações podem ser físicas - por meio de presentes, alimentos e até mesmo cartas - ou digitais. Para a psicóloga, estas manifestações de afeição são primordialmente benéficas, porque auxiliam na construção de relações e fortalecem as que já existem.

Pandemia também ajudou as pessoas a liberarem seus sentimentos

"Não tem como o outro saber o que a gente está sentindo, se não expressarmos isso de quaisquer formas que sejam", Rosane diz que, apesar de tudo, a pandemia ajudou as pessoas a liberarem seus sentimentos, já que, na ausência de contato físico, as coisas precisam ser ditas de maneira contundente para evitar interpretações confusas. Na opinião da profissional, neste contexto, o contato pode ser mais eficaz através de videochamadas, áudios e ligações e a pandemia pode ter facilitado já que as pessoas tendem a lidar melhor com seus sentimentos se ninguém estiver vendo por trás das telas.

E embora muitas pessoas tenham, de fato, se afastado, outras não se permitem fazer parte do que os especialistas chamam de 'abandono afetivo'.

A estudante universitária, Sarah Macedo comenta que mostra quando está com saudades de maneiras que, hoje, podem ser consideradas comuns, mas também de formas inusitadas. "Eu costumo falar que estou com saudades mandando memes e posts fofos e, quando uma amiga procrastina, eu mando um PIX," diz. Sarah utiliza o recurso de transações eletrônicas para motivar as amigas através de pequenas mensagens digitadas no campo de descrição das transferências de valores simbólicos que realiza. Desta forma, a jovem, que sempre buscou demonstrar carinho pelos colegas e familiares, tenta sanar, de alguma forma, o vazio criado pela distância e, agora, pelo

tempo também. Para surtir efeito, vale qualquer tipo de manifestação, desde chamadas de vídeo até publicações carinhosas com os #TBT (publicações feitas para compartilhar lembranças de momentos gostosos vivenciados no passado).

Além de lidarem com o isolamento, muitas pessoas também tiveram que contornar as barreiras que auto impuseram à tecnologia. Rosane lembra que nem todos gostavam de fazer videochamadas, por exemplo, e, mesmo assim, tiveram que encaixar o recurso audiovisual na rotina. Thayron, amigo de Diogo, comenta que não gosta de atender ligações, porque acha chato, mas que faz um esforço pelos amigos. "Como eu odeio ficar no telefone, se eu ligo pra alguém ou aceito uma chamada é sinal de carinho muito grande", constata.

Thayron sente ter se afastado, mas reconhece a necessidade disso. O rapaz teve que deixar de ver até mesmo a avó, porque continuou trabalhando presencialmente durante a pandemia e não queria contaminá-la. Atender às ligações da idosa foi a forma que o jovem encontrou para driblar a saudade e demonstrar o quanto gosta da avó. "Faz uns 2 meses que não vejo ela. No meu aniversário mesmo ela não pôde me ver. Para manter contato com ela, só por telefone", explica.

A psicóloga Rosane Vieira ressalta que, durante o período em que o Brasil se encontra, expor os sentimentos tornou-se cada vez mais importante. Isto

porque, as pessoas estão cada vez mais isoladas e, conseqüentemente, sensíveis. De acordo com Rosane, nessas horas, escutar de uma pessoa querida que o sentimento é recíproco faz toda a diferença. "Estamos em um ano de pandemia e sem previsões de quando tudo irá acabar e é provável que ainda demore alguns meses, então, o fato de escutarmos que um sentimento é recíproco, nos traz uma sensação de acolhimento", explica.

Rosane diz que as pessoas têm o costume de só expressarem os sentimentos quando estão certas que o

sentimento é o mesmo do outro lado. Porém, a psicóloga lembra que a reciprocidade pode aflorar a partir de uma primeira demonstração e esta atitude deve partir de alguém.

"As pessoas precisam quebrar este padrão de não demonstração de afeto, porque tudo pode ser construído. E, diante deste cenário, nunca foi tão importante estar presente e manter relações, mesmo o contato físico sendo restrito. Somos seres gregários que precisam da socialização para nos desenvolver enquanto pessoas", finaliza.



O contato pode ser mais eficaz através de videochamadas, áudios e ligações, o que a pandemia pode ter facilitado



Foto: Divulgação

Dona Inês surge com o avanço de vaqueiros pelo Agreste da PB

Economia do município, que teve como base o algodão e o sisal, hoje é marcada pela agricultura de subsistência

José Alves
zavieira2@gmail.com

Situado no Agreste da Paraíba, o município de Dona Inês se destaca por ter uma das maiores pedreiras do Nordeste que hoje é a principal fonte de renda do município, com mais de 200 famílias empregadas. Trata-se da atividade que mais contribui para aquecer e movimentar as vendas no comércio local.

Já os inesenses da zona rural encontram na agricultura de subsistência, e na criação de animais, a garantia de bons negócios.

No entanto, boa parte da população é empregada na rede pública ou sobrevive dos programas sociais do Governo Federal. O Bolsa Família, por exemplo, exerce uma grande influência na vida dos habitantes de Dona Inês.

Segundo a geógrafa Albanete dos Santos, que fez um estudo sobre o município, ao longo dos anos a economia de Dona Inês tem sido afetada por causa da pequena quantidade de precipitações pluviométricas. Em seu processo histórico, os moradores experimentaram vários ciclos econômicos. Nos anos 80, a economia girava em torno do algodão. Famílias inteiras se dedica-

vam ao cultivo dessa cultura que durou pouco em razão do aparecimento de pragas como a do inseto bicudo.

Em seguida, com a decadência do algodão, foi iniciada a era do agave. Através do sisal, surgiram os artesãos que entraram em cena com a produção de vassouras, espanadores, cordas e tapetes que eram vendidos na feira livre da cidade. Nos anos seguintes, o que predominou

na cidade foi a agricultura com a plantação de mandioca, que contribuiu para a construção de muitas casas de farinha.

“Nos dias atuais essas casas ainda podem ser encontradas em vários sítios. Porém, a maioria se encontra desativada”, observou a geógrafa, enfatizando que o comércio é constituído por supermercados, mercearias, lojas de material de cons-

trução, lojas de miudezas, de roupas, celulares e farmácias.

Em 2018, o salário médio mensal dos inesenses era de 2,2 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 4,9%. Já o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até um salário mínimo e meio é de 55,6%.

+ Município já foi distrito de Bananeiras e possui boa infraestrutura

No que diz respeito à infraestrutura, a cidade alcançou bons níveis de crescimento, com energia elétrica na zona rural e com a construção de escolas, praças, ginásios de esporte e implantação de saneamento básico.

A geógrafa Albanete dos Santos informou que atualmente quase todas as ruas da área urbana do município são calçadas. Por

outro lado, relatou que o índice de desenvolvimento humano, ainda é baixo.

As principais festas da cidade acontecem no dia 15 de novembro, dia do aniversário de emancipação política do município e, 20 de janeiro – Dia de São Sebastião, o padroeiro de Dona Inês.

De acordo com levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em

2010 estavam registrados em Dona Inês 111 domicílios com banheiros ligados à Rede Geral de Esgoto, 557 com abastecimento ligado à Rede Geral de Água, e 934 domicílios tinham lixo coletado.

O município tem uma área territorial de 132 km² e até o dia 15 de novembro de 1959 era distrito do município de Bananeiras, que fica no Brejo paraibano.

Ainda de acordo com estudos do IBGE, Dona Inês em 2010, tinha 10.517 habitantes, sendo 4.655 na zona urbana e 5.862 na zona rural. A cidade se limita com os seguintes municípios: Tacima, Bananeiras, Solânea, Araruna, Cacimba de Dentro e Riachão. Fica a 160km de João Pessoa.

Dona Inês está incluída na Bacia Hidrográfica do Rio Curimataú, e na área geográfica do

Semiárido brasileiro. A vegetação nativa predominante é a caatinga hipoxerófila, com algumas áreas de floresta caducifólia.

Em Dona Inês, 2.898 estudantes estavam matriculados em 2010 no Ensino Fundamental, e 366 no Ensino Médio. A cidade tem à disposição dos moradores, biblioteca pública, teatro, salas de espetáculos e ginásios poliesportivos.

A religiosidade é uma das características da população de Dona Inês, cujo padroeiro é São Sebastião, homenageado no dia 20 de janeiro com uma festa na cidade



Fotos: Divulgação

Uma das maiores pedreiras do Nordeste fica localizada no município e é fonte de emprego e renda para dezenas de famílias da região, contribuindo para a movimentação da economia local



Origens históricas

O Surgimento da colonização de Dona Inês começou no início do século XX, quando se formaram os pequenos sítios e fazendas. Os primeiros moradores do lugar foram José Paulino da Costa, Pedro Teodoro da Silva e Pedro José Teixeira. O que historiadores contam é que por volta de 1850 vaqueiros que vinham de outras regiões à procura de gado desgarrado avistaram ao longe uma coluna de fumaça.

Eles ficaram curiosos, uma vez que achavam que o lugar era completamente desabitado e se dirigiram para lá. Ao chegarem, encontraram, à sombra de um cajueiro, sentada ao lado de uma cacimba, uma senhora de cor branca. Na ocasião ela estava acompanhada de um serviçal negro e se apresentou aos vaqueiros dizendo que seu nome era Inês, e que era “Senhora de Engenho” em Pernambuco.

Esta foi a história contada pelos mais antigos sobre

a primeira pessoa encontrada no lugar. E a mulher dita como fina e bonita, chamada Inês, nunca mais foi vista, mas a sua passagem pelo local jamais foi esquecida, vindo a dar nome ao lugar, Serra de Dona Inês.

Com o passar dos anos, em 1943, por força do Decreto Lei 520, o pequeno povoado passou à condição de vila, pertencente ao município de Bananeiras.

Na divisão administrativa do Brasil, para o quinquênio 1944/1948, Dona Inês ainda figurou como Distrito de Bananeiras. Porém, sua autonomia administrativa ocorreu por força da Lei 2.141, de 19 de junho de 1959, sendo sua instalação oficial em 15 de novembro. No mesmo ano, houve o desmembramento de Bananeiras e Serra de Dona Inês, ganhou a denominação de Dona Inês. O governador que assinou a Lei de Emancipação do município foi Pedro Gondim, em 1959.

Neste domingo, Cia. Omondé, do Rio de Janeiro, apresenta gratuitamente, na internet, a última sessão do espetáculo 'Auto de João da Cruz', de Ariano Suassuna. [Página 12](#)



Foto: R. Menezes/Divulgação

Foto: Helder Pinto/Arquivo A União

Genival Macêdo: o pai do "hino de João Pessoa"

Amanhã é celebrado o centenário de nascimento do paraibano que lançou Jackson do Pandeiro e criou a clássica 'Meu sublime torrão'

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

"Num recanto bonito do Brasil / sorri a minha terra amada / onde o azul do céu / é mais cor de anil / onde o Sol tão quente / parece mais gentil / Lá eu nasci e me criei / fiz canções e amei / sempre tive inspiração / A minha terra / que só encerra belezas mil / pode ser chamada / a namorada do meu Brasil / Minha terra tem / o cantar dos passarinhos / Na lagoa, os gansinhos / com seu nado devagar".

Muitos paraibanos, ao lerem esses versos, já devem trazer à mente a melodia que os embala. No entanto, para aqueles que ainda não sabem, são trechos da música 'Meu sublime torrão', samba-exaltação que, em 1972, por meio de Lei Municipal sancionada pelo então prefeito Dorgival Terceiro Neto, tornou-se o Hino Popular oficial da cidade de João Pessoa. A obra que se tornou símbolo da capital foi composta em 1937 por Genival Macêdo (1921-2008), cujo centenário de nascimento é lembrado nesta segunda-feira.

Em virtude da data especial, amanhã o governador João Azevêdo vai oficializar o ilustre paraibano como o grande homenageado da 4ª edição do Festival de Música da Paraíba, que será realizado no mês de setembro.

"O artista permanece vivo pela absorção e consumo da sua obra", afirmou o jornalista Fernando Moura, presidente da Fundação Casa de José Américo (FCJA) e biógrafo de Jackson do Pandeiro (1919-1982), outro artista que já foi homenageado pelo evento, em 2019. "Genival Macêdo foi pioneiro em uma série de coisas. É atribuída a ele, por exemplo, a criação do duo elétrico, em João Pessoa, antes da existência do Trio Elétrico de Dodô e Osmar, na Bahia. Durante um Carnaval, ele instalou dois alto falantes num carro e, com o irmão, saiu pelas ruas da cidade fazendo

anúncios e tocando músicas. Eu diria que foi o avô do trio elétrico", denominou.

O presidente da FCJA lembrou que teve a oportunidade de conhecer Genival Macêdo, que morava na cidade de Recife (PE). "Uma vez, trocando figurinhas, perguntei-lhe o que o havia inspirado para criar a música 'Meu sublime torrão'. Ele me disse que era apaixonado por uma mulher casada da sociedade e, pelo fato dessa mulher não ter aceitado o seu assédio, saiu de um baile no Clube Astrea, em João Pessoa, e foi para a Lagoa do Parque Solon de Lucena, onde sentou num dos bancos e, observando a paisagem e as aves que existiam no local, compôs a música de uma tirada só. Ele nunca revelou quem era essa mulher e ainda bem que ela fez isso, porque surgiu uma canção belíssima", comentou Fernando Moura.

Outra curiosidade ressaltada pelo jornalista foi o fato de Macêdo ter lançado o também paraibano Jackson do Pandeiro, o Rei do Ritmo. "Nos anos 1950, a gravadora Copacabana estava entrando em processo de inanição, porque, na época, a CBS colocava 95% do seu maquinário para produzir os discos de Luiz Gonzaga, que estava no auge da carreira, e os 5% para o restante dos artistas. Como a Copacabana não tinha nenhum artista para fazer frente, Genival Macêdo, que era representante da gravadora em Recife, recebeu a incumbência de encontrar alguém", detalhou. "No Carnaval de 1953, na capital pernambucana, ele viu Jackson cantar 'Sebastiana', um coco composto por Rosil Cavalcanti. Genival vendeu o peixe para a Copacabana, que assinou o contrato com Jackson sem o conhecê-lo".

Na gravadora carioca, o primeiro disco lançado por Jackson do Pandeiro foi um de 78 rotações. "No lado A tem 'Forró em Limoeiro' e, no lado B, 'Sebastiana'. O estouro foi tão grande que a gravadora passou a cobrar a

ida de Jackson para o Rio de Janeiro. Os dois viajaram de navio, porque Genival tinha medo de andar de avião. Macêdo teve a intuição de que Jackson do Pandeiro podia fazer frente a Luiz Gonzaga", comentou ele, mostrando que não era apenas nas canções que o artista era bom.

Para o radialista Hugo Martins, Genival Macêdo foi um dos grandes compositores, principalmente de frevo. "A Paraíba deve homenageá-lo, pelo seu centenário de nascimento, porque é justo, ele merece e deixou um legado, que são as suas músicas", analisou o paraibano de Rio Tinto, que vive desde os 12 anos em Recife.

Atualmente, aos 83 anos, Hugo Martins está aposentado, mas continua apresentando dois programas na Rádio Universitária da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na qual trabalha desde a inauguração da emissora, em 1963. Um se chama O Tema é Frevo, que comanda há mais de cinco décadas, o outro é Frevo - Patrimônio Cultural da Humanidade. "Toco muito as músicas de Genival Macêdo nos programas, pois tenho todas as gravações no arquivo da rádio. Uma das que estou sempre tocando é 'Micróbio do Frevo', um dos seus sucessos mais conhecidos, gravado por Jackson do Pandeiro e que comecei a ouvir em 1955", recorda. "O meu gosto pelo frevo vem dessa época e é uma das minhas canções preferidas, pelo ritmo. Além disso, Genival tem muita coisa bonita", disse o radialista.

Frevo Modernizado

"Genival Macêdo tem uma importância grande na música, pois, além de autor de muitos frevos, lançou Jackson do Pandeiro", enfatizou o engenheiro de áudio Paulo Germano, neto do cantor e compositor paraibano, que também mora em Recife e manifestou satisfação com a lembrança da passagem do centenário de nascimento do seu parente.



Amanhã o governador João Azevêdo vai oficializar o ilustre artista paraibano (foto) como o grande homenageado da 4ª edição do Festival de Música da Paraíba

Paulo Germano recorreu que seu avô costumava participar das reuniões em família. "Nessas ocasiões, tinha uma viola que, às vezes, costumava tocar e cantar. Era uma pessoa alegre, feliz e brincalhona", puxou pela memória. Sua música preferida, pela qualidade dos arranjos, é a que considera a mais conhecida do artista, 'Micróbio do Frevo'.

Um dos fundadores do Muriçocas do Miramar, considerado o maior bloco de arrasto pré-carnavalesco do mundo e cuja sede se localiza em João Pessoa, o cantor e compositor Fuba afirmou que "é sempre gratificante lembrar e homenagear pessoas que foram referências em nossa música. Genival Macêdo tem essa importância para nossa cultura e é motivo de orgulho de todos os paraibanos".

Sobre a obra fonográfica que o contêrrâneo deixou, o músico vai além das clássicas 'Meu sublime torrão' e 'Micróbio do Frevo'. "Posso citar algumas, como 'Casado não pode', 'A mulher de Aníbal' e 'Amargura', um legado que, sem dúvidas, retrata sua grandeza", reverenciou Fuba. "Eu vim conhecer sua

obra um pouco tarde, por isso não considero que ele tenha tido uma influência relevante na minha obra. Porém, é bom lembrar que ele foi um dos precursores de modernizar o frevo, fazendo versos sem obedecer às métricas tradicionais".

Autor do hino do Muriçocas do Miramar e puxador oficial do bloco, Fuba fez a seguinte pergunta: "Quem, na Paraíba, não cantou o 'Meu sublime torrão'? Não tenho dúvidas que você cantar sua cidade, ou seu estado, eleva a autoestima de nossa população. Eu acho que a mesma alegria que sinto em cantar 'Muriçocas do Miramar', 'Porta do Sol', entre outras, ele certamente sentia quando cantava 'Meu sublime torrão'".

O cantor e compositor paraibano Biliu de Campina, o fato de o Rei do Ritmo ter gravado a música 'Micróbio do Frevo' dá uma ideia da qualidade da obra de Genival. "Jackson do Pandeiro era muito criterioso e tinha uma equipe que o ajudava na seleção das canções que ia gravar. Além de ter sido produtor musical, Genival Macêdo criou uma obra eclética, que inclui, por exemplo, frevo, choro e samba", elogia o artista.

músicas de Genival em seu repertório, a exemplo de 'Micróbio do Frevo' e 'A mulher do Aníbal'.

"Genival Macêdo foi um grande compositor. 'Meu sublime torrão', por exemplo, é muito pretensiosa e bairrista, mas é muito bem construída e telúrica. Ele teve a coragem de cantar o que ninguém cantou e era uma espécie de cronista. Quem gosta da cultura nordestina não se esquece da obra dele e nem de outros artistas. Mas, infelizmente, há movimentos, na cultura, que sempre existiram e que não reconhecem esse valor regional, porque não costumam pesquisar, e que eu chamo de TO e TT, ou seja, 'tirar onda' e 'tirar de tempo', comentou o campinense.

Na opinião de Biliu de Campina, o fato de o Rei do Ritmo ter gravado a música 'Micróbio do Frevo' dá uma ideia da qualidade da obra de Genival. "Jackson do Pandeiro era muito criterioso e tinha uma equipe que o ajudava na seleção das canções que ia gravar. Além de ter sido produtor musical, Genival Macêdo criou uma obra eclética, que inclui, por exemplo, frevo, choro e samba", elogia o artista.

CONHEÇA DEZ CURIOSIDADES SOBRE GENIVAL MACÊDO

- Em 1937, quando compôs 'Meu sublime torrão', foi fundada a Rádio Tabajara. Genival formou com os amigos Jayme Bezerra e Paulo Barbosa o Trio Irmãos do Ritmo, que passou a atuar na então nova emissora;
- Além de ter lançado Jackson do Pandeiro, o paraibano chegou a ser empresário de vários astros e estrelas nacionais, como Altemar Dutra, Clara Nunes e Ângela Maria;
- Criou em 1941 o "Palácio do Frevo", uma caminhonete com um serviço de som amplificado que saía pelas ruas da cidade na época tocando músicas carnavalescas.



Com medo de avião, Genival Macêdo, ao lado de Jackson do Pandeiro, indo para o RJ a bordo do navio Santa Maria

Ele mesmo foi compositor de aproximadamente uma centena;

- Em 1947, teve sua primeira composição gravada, o samba 'Diana', em parceria com Jorge Tavares, pelo conjunto vocal Quatro Ases e Um Coringa;
- O maestro da Orquestra Tabajara, Severino Araújo, sempre colocou a música 'Soltaram a onça', de Macêdo, em destaque no seu repertório, apontando-a como uma das melhores do compositor;
- No início da década de 1950, atuou como repórter do jornal Última Hora do Rio de Janeiro;
- Fez ainda jingles para campanhas eleitorais na Paraíba e no Brasil, a exemplo do tema de Juscelino Kubitschek, em 1964, às vésperas do golpe;
- Nomes como Jackson do Pandeiro, Carmélia Alves, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Patrícia Moreyra, Waldir Chagas, Cláudia Beija, Silvério Pessoa, Chico Buarque, Zeca Pagodinho e Gilberto Gil gravaram composições do artista paraibano;
- Sua composição que teve mais versões em disco foi 'A mulher do Aníbal' da parceria com Nestor de Paula;
- O artista morreu em 16 de junho de 2008, aos 87 anos, vítima de uma parada cardíaca, no Hospital Alfa, em Boa Viagem, no Recife (PE).

"(...) Ele (Jackson do Pandeiro) e o jovem compositor, produtor e agitador cultural Genival Macêdo, um dos principais da folia local, inventor de uma engenhoca mecânica e automotiva que seria, ao que consta, o avô do trio elétrico baiano, o duo elétrico paraibano. (...) Entre 1941 e 1943, Genival Macêdo, seu irmão Gilvan e o técnico de som Nilton Monteiro desfilaram no carnaval pelas ruas de João Pessoa em cima de um Chevrolet 1939, intitulado Palácio do Frevo, arrastando multidões. (...)"

— Trechos extraídos de 'Jackson do Pandeiro - O Rei do Ritmo'



Foto: Arquivo A União

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Ex-alunos, jovens talentos, hoje buscam o seu espaço

Abro o parágrafo de hoje, lembrando um parceiro sensível – de cátedras rotineiras na Universidade Federal da Paraíba –, Wellington Pereira, falecido recentemente. Dele, recebi semanas atrás o seu mais novo opúsculo *O Voo noturno do Pintaroxo - As insônias do Bairro-Norte*, como sempre, com a mesma dedicatória: “Ao cineasta e crítico cinematográfico Alex Santos, com a amizade de Wellington Pereira”.

Nossa afeição advém dos tempos em que o nosso curso de Comunicação Social era vinculado ao CCHLA. Mas, uma coisa que sempre admirei no amigo Wellington foi a sua empatia com os alunos, hoje lembrada por eles, coisa que procurei buscar de contínuo. Sempre me foi gratificante manter amistosa sintonia com meus alunos. A identificação respeitosa mútua no aprendizado, pelo que conheço, terá sido condição sine que non ao bom entendimento dos assuntos em sala de aula.

Pois bem, falando de ex-alunos de Comunicação e, mais recentemente, de Mídias Digitais, lembro de alguns nomes que hoje despontam na linha de frente das produções audiovisuais locais, trazendo-nos um orgulho danado. Como é o caso João Paulo Palitot, que hoje promove atividades de cinema, anunciando ao próximo mês a mostra de Cinema Fantástico em João Pessoa.

A rigor, são talentosos jovens paraibanos, ex-alunos, que me assistiram em alguns projetos fora da universidade, como é o caso de Marcelo Quixaba, que



Foto: Divulgação

Fotógrafo e videomaker Daniel Rosas está produzindo, neste ano, o curta-metragem 'Baby Killer'

fez câmera comigo no curta *A Ninhada*, em Serra Branca; da dinâmica Joelma Cavalcanti, parceira assistente de produção, também atriz de alguns audiovisuais nossos, como *Antomarchi*, *Américo Falcão Peregrino*, e, mais recentemente, *Poltrona Rasgada*; além de Jéssica Coelho, Gildázio Dantas, Stéphanie Andrade, Ronny Brito, entre muitos outros.

Mais recentemente, com a exitosa parceria de Manoel Jaime Xavier, com quem venho trabalhando havia alguns anos, vejo no meu ex-aluno de Mídias Digitais, Daniel Rosas, na fotografia e câmera de *Poltrona Rasgada*, média-metragem que concluímos recentemente,

um sopro juvenil de esperança ao nosso audiovisual paraibano.

Individualmente, Daniel já consegue alçar voos no campo da animação, quadrinhos e do curta-metragem, como é o caso *Baby Killer*, cujo tema parece ser de um thriller erótico-criminal, com suas gravações já iniciadas, antes mesmo da pandemia, devendo ser concluído proximamente. Além de outros projetos interessantes em que Daniel consegue misturar personagens (atores) com figuras de histórias em quadrinhos. Uma experiência curiosa que merece ser aguardada com interesse. – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br.



Curso de Cinema promove 'live'

Sob o comando dos professores e membros da Academia Paraibana de Cinema (APC), João de Lima e Alex Santos, o Curso de Cinema e Audiovisual da UFPB realizou, na segunda-feira passada (dia 22), uma live com a participação de vários alunos. No encontro discutiu-se entre os assuntos, os audiovisuais *Américo - Falcão Peregrino* e *Cinema Inacabado*, ambos dirigidos por Alex Santos, que foi indagado pelos alunos sobre as realizações o tempo todo.

O mediador da live foi o professor João de Lima, da disciplina História do Cinema Paraibano, que levantou questões sobre os fotógrafos e cineastas Walfredo Rodriguez e João Córdula do Cinema Educativo da PB (patrono de sua cadeira), ambos homenageados por Alex Santos nas duas realizações.

'Matriz' apresenta três espetáculos hoje

Fotos: Divulgação

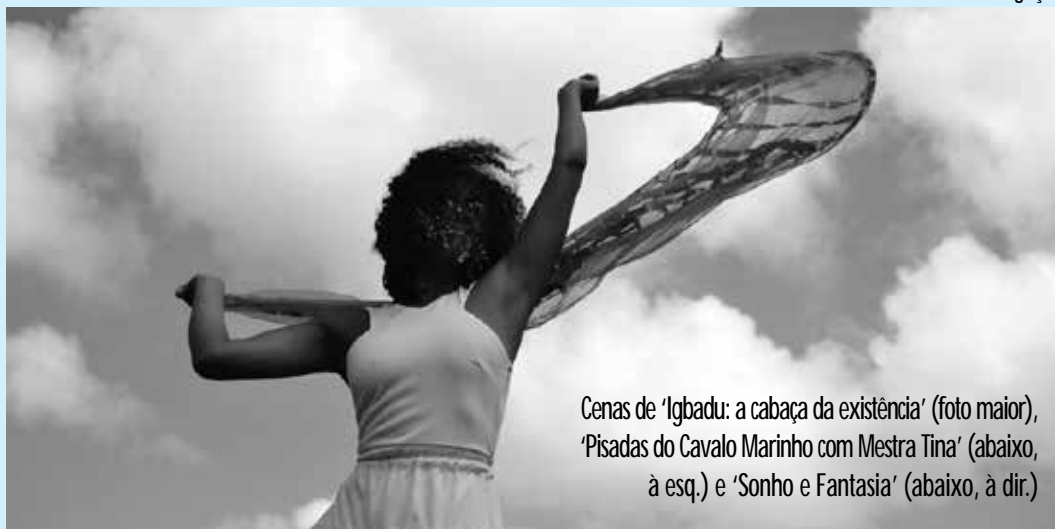
Segue neste domingo a quarta edição da Matriz – Mostra Feminina de Artes Cênicas. O edital integra a programação de comemoração do 'Mês das Mulheres' da Funesc e tem parceria com a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH).

Hoje as apresentações começam às 18h, na TV Funesc no YouTube. O público poderá assistir gratuitamente aos vídeos dos espetáculos de teatro, dança e circo.

Pisadas do Cavalo Marinho com Mestra Tina engloba dança, musicalidade e teatro. Nesta apresentação, Jocilene Cunha da Silva, a Mestra Tina demonstra um de seus elementos principais: as pisadas.

Em seguida será apresentado *Igbadu: a cabaça da existência - O conto dançado da criação do mundo*, com Jinarla Pereira, Juliana Lima e Caio Ceragioli. Com direção de Angela Gaeta, o vídeo-performance consiste em uma experimentação do corpo e da corporeidade negra a partir da reconexão histórica e ancestral, trazendo à tona um corpo-identidade que se reinventa no contato com a natureza e com as simbologias iorubanas.

Tendo como base o (Itan) conto Iorubá da cria-



Cenas de 'Igbadu: a cabaça da existência' (foto maior), 'Pisadas do Cavalo Marinho com Mestra Tina' (abaixo, à esq.) e 'Sonho e Fantasia' (abaixo, à dir.)



ção do mundo, o vídeo reflete a diversidade das formas de compreensão da criação, apresentando uma cosmo percepção ancestral. Divindades elementares, o tudo e o nada, a inquietação, movimento, transmutação e convergência, gestadas na Igba (cabaça) Adu (criação) que é um grande símbolo africano da fertilidade, da natureza-mãe e dos elementos primordiais da vida.

Por fim, a atração circense marca presença com *Sonho e Fantasia*, de Camila Chaiane, no qual uma jovem mulher sonhadora com desejo de voar cada vez mais alto. Ela traz consigo a magia e o encantamento circense através números de solo e aéreo, mostrando toda sua destreza, força, flexibilidade e simpatia.

Todos os vídeos tem classificação indicativa livre.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesc no YouTube

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Wellington se foi?

Quando se perde alguém que se ama, parte da gente também se vai. Afinal, não somos ninguém sem o outro. Na verdade, somos uma relação. Não uma mera subjetividade. Mas uma surpreendente intersubjetividade. Provisória, precária, porosa, possível!

Wellington Pereira era como um irmão para mim. Irmão maior, irmão de escolha e de destino. Convivi com ele desde a primeira juventude, partilhando uma sincera e verdadeira amizade. Ainda era o tempo da saudosa Oficina Literária coordenada por Antônio Arcela, nas dependências do Thomas Mindello. Lembro dele, plúmbeo em todos os aspectos, com seu sorriso à Bandeira, mostrando-me seus primeiros textos na insegurança natural dos que se tiram às ilusões da vida literária.

A paixão pelo conhecimento nos uniu, e a literatura iluminava a prosa do dia a dia. Wellington começou por ali, arranhando as primeiras palavras em poemas e contos já de fatura promissora. Ele, Magno Meira, José Rodrigues, Diracy Vieira, Socorro Leal-debal, Félix di Lácio e tantos outros que a vida vai distanciando em sua escrita indecifrável.

Wellington foi escritor, ensaísta, poeta, jornalista e, sobretudo, professor. Melhor dizendo, educador, tocado pela paixão da relação ensino-aprendizagem. Aqui dividiu o seu tempo entre a magia da sala de aula e os vocativos da pesquisa, sempre preocupado em refletir sobre o jornalismo como uma leitura crítica do mundo, tecida nas malhas significantes do cotidiano, tema do qual se tornou um refinado especialista. Na UFPB e no curso de Comunicação Social, fez escola no bom sentido da palavra, isto é, sem proselitismo nem vaidade, orientando muitos alunos na rotina e na aventura do saber. Por trás da competência das novas gerações do jornalismo profissional deve ecoar, sim, a voz sábia do grande mestre que ele foi.

Homem de estudo, pessoa afeituosa, amigo como poucos. Escreveu contos, ensaios, poemas, trabalhos acadêmicos e foi editor do Caderno de Cultura, *Gente & Lazer*, de *O Norte*, e editor do *Correio das Artes*, de **A União**. Em ambos abriu e ampliou a pauta jornalística no sentido de incorporar as novas linguagens, como a publicidade, a fotografia, a televisão e já os sinais surpreendentes das mídias digitais. Vejo nele o primeiro colunista a encarar os desafios sintáticos e semânticos da linguagem televisiva sob a chave de uma bem fundamentada armação teórica, sem suocar o timbre de clareza, concisão e objetividade exigido pela gramática do jornal impresso.

Acima de tudo, Wellington tinha, na palavra, o seu epicentro solar, a companhia de todas as horas. Nunca a tratava convencionalmente. Sem se deixar seduzir pelo falso ouro da retórica de salão, não abdicava do desejo verbal de tornar, na frase, cada palavra um ser singular. Sim, porque havia em Wellington um professor leitor, um leitor escritor, um escritor que tateava sempre, no discurso, o elemento poético da palavra.

Nasceu em Guarabira e viveu a infância e a adolescência em Sumé, debaixo do céu mais bonito no reino dos azuis que se estiram pelo vale sagrado de Monteiro e das terras santas do vale do Moxotó. Veio para João Pessoa e se foi de João Pessoa para Paris. De Paris voltou e trouxe lições inesquecíveis de Edgar Morin e de Michel Maffesoli para elastecer as nossas referências intelectuais.

Sua diabetes de alto grau não o impedia de escrever acerca dos temas mais candentes da atualidade e intervir, com seu pensamento crítico, sua energia emocional e sua imaginação poética, no amplo debate de todos os dias. Vinha, em pleno vigor, preparando mais alguns títulos e se esgrimindo, com elegância estilística e maturidade conceitual, em suas poéticas digitais e no seu rascunho epistemológico. Seu último telefonema foi para me falar de suas anotações para uma futura novela sobre Kant, a quem andava lendo absolutamente seduzido pelos ângulos luminosos das três razões, especialmente pela crítica do juízo e seus fundamentos estéticos.

Wellington se foi? Não.

Quem escreve, quem ensina e quem ama o próximo e sabe o sabor da dignidade e do senso de justiça nunca se vai. Fica sempre por aqui, no coração e na memória, os dois lugares centrais da criatura humana. E nunca tive dúvidas: Wellington era, de fato, uma criatura humana. Fui abençoado com sua amizade e com sua presença. Serei, de certa maneira, ainda abençoado com sua eterna lembrança.

(Em tempo: esta coluna é para Dona Zilda!)

Foto: Rodrigo Menezes/Divulgação

Com seis câmeras espalhadas pelo palco, montagem do grupo carioca apresenta pela primeira vez texto do dramaturgo paraibano que é baseado em 'Fausto', de Goethe



Peça inédita de Ariano Suassuna encerra temporada na Internet

Neste domingo, Cia. OmondÉ do Rio de Janeiro apresenta gratuitamente o espetáculo 'Auto de João da Cruz'

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

"O teatro se ampliou", diz a diretora e atriz Inez Viana, analisando o contexto atual. A artista está em cartaz com a Cia. OmondÉ pelo espetáculo *Auto de João da Cruz*, escrito pelo paraibano Ariano Suassuna (1927-2014). De forma virtual, a temporada de quase um mês de exibições gratuitas se encerra neste domingo, a partir das 19h, no YouTube da companhia (bit.ly/omondedeutube).

No espetáculo estão integrantes da OmondÉ e atores convidados: André Senna, Elisa Barbosa, Iano Salomão/Joel Tavares, Junior Dantas, Leonardo Bricio, Luis Antonio Fortes, Tati Lima e Zé Wendell. "Tudo o que está acontecendo na Internet a gente pode chamar de teatro. São outras formas de fazer", reflete Inez

Viana. "O audiovisual sempre foi uma linguagem aliada às artes plásticas e à música, e a gente, do teatro, está servindo um pouco disso também".

Agora, o novo formato da produção teatral ganha a contribuição de seis câmeras, que passeiam entre diversas áreas do palco como coxias e vista superior. Essa foi a forma que a companhia viu para continuar a comemoração dos dez anos de existência. "Ariano deixou o texto na gaveta por 60 anos e só foi levado aos palcos de forma profissional com a nossa montagem, em 2020. Fico muito honrada com esse trabalho e o que eu puder contribuir com a obra de Ariano Suassuna, vou fazer, porque mudou o meu modo de pensar e de me relacionar, inclusive com o meu próprio país".

A escolha do texto do dramaturgo paraibano, até então nunca encenado, foi seleciona-

do pelo grupo carioca pela forma como ele se comunica com os dias atuais. *Auto de João da Cruz* foi escrito em 1950 e é uma recriação de *Fausto*, de Goethe. No *Auto*, Suassuna aborda elementos de três romances populares nordestinos: *História de João da Cruz* (Leandro Gomes de Barros), *História do Príncipe do Reino do Barro Branco* e a *Princesa do Reino do Vai-não-Torna* (Severino Milanez da Silva) e *O Príncipe João Sem Medo* e a *Princesa da Ilha dos Diamantes* (Francisco Sales Arede).

A Cia. OmondÉ está com a temporada on-line devido à pandemia, que não permitiu que entrassem em turnê pelo Brasil. "Tínhamos diversos convites para nos apresentar pelo país e era uma peça que estava sendo muito bem recebida pelo público, porque Ariano Suassuna sempre será uma referência, ele é atemporal.

Mas, com a pandemia, tudo o que a gente tinha foi suspenso. Quando veio o edital, eu pensei que seria a oportunidade para fazermos mais com essa peça", explica Inez.

As câmeras espalhadas pelos diferentes ambientes do cenário foi uma alternativa para possibilitar olhares diferentes de um espetáculo visto apenas no plano aberto, como um membro da plateia, segundo a diretora. "Com as câmeras diferentes a gente conseguiu diferentes olhares. O audiovisual possibilita essa exploração dos ângulos".

Após a aprovação do projeto, a companhia passou a se encontrar de forma virtual para definir os novos aspectos da peça. "Ficamos vários dias para retomar os estudos, as leituras, cada um da própria casa. Para irmos ao teatro, todo mundo fez o teste contra a covid-19, inclusive todos os

funcionários e equipe técnica, e foi onde passamos três dias, sendo o primeiro dia para montar, o segundo para ensaiar e o terceiro para gravar", recorda Inez Viana, reforçando que o grupo conseguiu realizar essas etapas no mesmo teatro onde estreou a peça presencialmente, antes da pandemia. "Foi uma emoção voltar ao teatro, exatamente um ano depois. Uma sensação de voltar ao tempo e também um estranhamento grande, porque ele estava vazio, sem plateia".

A emoção do reencontro e de retomar ao palco de teatro, confessa Inez Viana, foi o grande ganho da companhia em retomar o espetáculo. Agora, o grupo foca nos próximos projetos, incluindo uma peça inédita que a diretora está escrevendo desde 2019. "Estamos estudando essa peça e pensando em alguns projetos que podem estar ligados nesse momento

com o audiovisual, mas ainda está bem embrionário", diz, reforçando ainda que *Auto de João da Cruz* deve circular pelo Brasil após o fim da pandemia. "Queremos muito levar o espetáculo para a Paraíba, terra também de um dos nossos atores, Zé Wendell, que faz o personagem principal".

O espetáculo no formato virtual é resultado da aprovação em projeto através da Lei Aldir Blanc.



Através do QR Code acima, acesse o canal no YouTube da Cia. OmondÉ

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Passados quatro séculos, Giordano Bruno permanece

Domingo passado assisti novamente em vídeo *Giordano Bruno*, de Giuliano Montaldo.

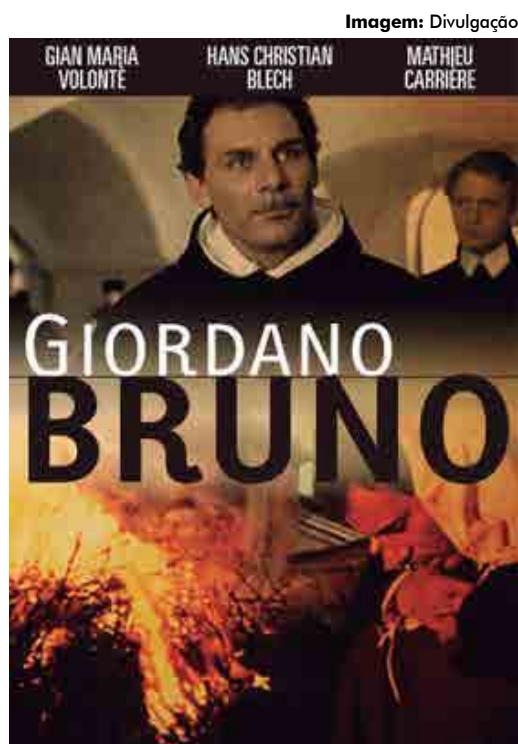
O filme do diretor de *Sacco e Vanzetti* fixa-se nos sete anos em que o filósofo Giordano ficou preso, torturado pela Santa Inquisição, sem ceder um milímetro em suas ideias, até ter sua língua perfurada por uma mordida de ferro e ser queimado vivo.

Impressionante não somente a interpretação de Gian Maria Volonté. Nem somente a fotografia de Vittorio Storaro. Me impressionou a força estranha que levou o cineasta Montaldo a dirigir, em 1973, uma realização em torno de Giordano Bruno.

Iniciativas como essa não dão poder cultural nem lucro, não atraíndo grandes platéias. São coisas, como alguns dizem, para iniciados, por conta da mediocridade que vinha e continua infestando o planeta.

Montaldo poderia ter realizado algo como *O último imperador*. Preferiu a linguagem certa, equilibrada, sábia, como a do filósofo que levou ao cinema.

No veredicto da Santa Inquisição, determinou-se, entre outras coisas, que



as obras de Giordano Bruno fossem todas queimadas, pois "heresias" eram. Não adiantou. Sorri depois de rever o vídeo quando, em casa, fiz uma nova e rápida leitura de uma das obras de Gior-

dano: "Acerca do infinito, do universo e dos mundos".

No ano de 1600, o Santo Ofício de Roma achava que estava queimando não somente o corpo usado por Giordano, mas também toda a sua obra, o pensamento que transmitia. Passados quatro séculos, estão no planeta, à disposição, o filme *Giordano Bruno* e os livros do filósofo.

Os inquisidores, que sempre se renovam através dos séculos, não perceberam que pensamento, ideia, espírito, nunca morrem. Jesus por aqui permanece. Como Bruno, Branca Dias, Guevara.

Hitler, pensava no domínio definitivo, como a Inquisição também planejou. Pinochet acreditava que os chilenos sempre diriam "si". Os Duvalier, idem, no Haiti. Os promotores do *apartheid* em princípio achavam que aquilo não terminaria na África do Sul. Salazar e Franco deliraram na suposição de que os lados ibéricos sempre seriam deles, como na Itália também foi meta de Mussolini. Os coronéis gregos idem, idem.

Os militares golpistas de 1964 no Brasil acreditaram que bastavam as mentes de algum

camponeses, operários, jornalistas, estudantes e professores, para que consolidassem através de décadas diversos projetos de alguns grupos econômicos.

Giordano Bruno, um filme. Giordano Bruno, o filósofo que sentiu uma inspiração irresistível pela verdade e pelo conhecimento. As teorias, as mentiras, não são eternas, como não o será essa instituição que dia a dia nega o próprio cristianismo: o Vaticano.

A história da Igreja Católica é, inclusive, uma das mais sangrentas da Terra. Não mais o sangue dos mártires cristãos jogados aos leões no império romano. Mas o sangue que atravessou séculos – em torturas, fogueiras, decapitações – sob as ordens de sacerdotes e a complacência papal.

É a mesma Igreja que, no final dos anos 1960, sob a orientação de João Paulo II, perseguiu um de seus membros, Leonardo Boff. Ela só não transformou Boff num Bruno porque estávamos no final da segunda metade do século 20.

Lembrando Giordano Bruno: "O universo é infinito, existem terras infinitas. Poderá uma parte da terra mover-se continuamente no infinito, e deve haver para uma terra infinitamente distante, impulso infinito e gravidade infinita".



Foto: Marcus Antonius

Partidos investem na capacitação e no empoderamento feminino

Agremiações políticas de esquerda foram pioneiras para garantir mais espaços para a mulher e hoje tendência é "copiada" por outras legendas



Gregória Benário, presidente do PCdoB na Paraíba: "O importante é colocar a mulher nos espaços de poder e direção"

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Dos 33 partidos cadastrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), apenas três não têm instituições de segmentos femininos. Seja com o objetivo de capacitar as mulheres para a política ou lutar por causas como o empoderamento feminino e a emancipação da mulher, cada partido trabalha seguindo a sua linha política e partidária.

Os partidos de esquerda geralmente foram os pioneiros a adotar esse segmento, que tem como nomenclatura "secretarias de mulheres", e geralmente têm maior número de mulheres em cargos executivos dentro do partido. No entanto, atualmente o público feminino está cada vez mais na pauta dos partidos, inde-

pendente do posicionamento político.

Esse trabalho se estende para além do período eleitoral. Durante todo o ano essas secretarias e segmentos femininos realizam projetos, eventos, seminários ou, atualmente, devido à pandemia, webinários, para alcançar cada vez mais mulheres.

Entre as principais pautas da Secretaria de Mulheres do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), por exemplo, está a emancipação da mulher. De acordo com a presidente estadual do PCdoB na Paraíba, Gregória Benário, essa é uma luta que vai além da liberdade da mulher. "Entendemos que a questão da mulher não é setorial. Não é o feminismo por si só que vai superar essa desigualdade, mas o feminismo atrelado com todas as outras bandeiras que a gente vai chegar ao fim da desigualdade. Por isso que a gente diz que, para se chegar à emancipação, tem

que se passar pela emancipação da mulher", explicou.

A instituição de mulheres do PCdoB existe desde a década de 1980. Ela trata não apenas a questão das mulheres, mas todo o contexto em que a mulher está inserida. O partido, que tem uma mulher como presidente estadual na Paraíba, e diversas outras lideranças femininas pelo Brasil afora, luta pelo protagonismo feminino. "O PCdoB tem uma atuação na prática e é um dos poucos partidos que trata essas questões da atuação da mulher de forma muito direta. Não é à toa que a presidenta nacional é uma mulher, aqui é uma mulher, em Campina Grande e em João Pessoa tivemos uma mulher até a gestão anterior. Isso mostra que o partido tem um olhar voltado para as mulheres".

A Secretaria de Mulheres do PCdoB existe desde a década de 1980. Em todos esses anos a discussão sempre foi pela emancipação da mulher.

Atualmente, o partido trabalha com secretarias estaduais e municipais, dependendo da estrutura de cada cidade. Na prática, o partido trabalha com palestras, seminários, e junto com movimentos como a União Brasileira de Mulheres (UBM). Atualmente, devido ao período de pandemia, o diálogo está acontecendo por meio de videoconferências.

Apesar do trabalho intenso e de anos de protagonismo da mulher através da instituição, na opinião de Gregória Benário a atuação feminina do partido vai além da criação de uma secretaria. "Não vejo que seja pelo fato de criar a secretaria, o mais importante é colocarmos nossas mulheres nos espaços de poder e direção. É só a gente analisar quantos partidos temos mulheres presidindo, esse é o ponto chave, o diferencial. Em alguns partidos, às vezes se cria o segmento, mas coloca como se fosse um clube, um espaço delas", comentou.

+ Direita também pensa na mulher e quer criar diretórios com mais participação

Para o Partido Social Liberal (PSL) legenda partidária considerada de direita, a capacitação política da mulher para ocupar cargos de destaque político é o principal objetivo da sua instituição de mulheres. De acordo com a presidente do PSL Mulher na Paraíba, Rebeca Sodré, desde 2018, quando o segmento começou dentro do partido, são promovidas ações de capacitação. "A gente não se preocupa apenas com a eleição, queremos formar mulheres para que elas estejam aptas à vida pública. Não só para que as mulheres participem do processo eleitoral, como também para que elas participem como cidadãs e entendam o seu dever", disse.

A capacitação das mulheres é realizada pelo partido através de cursos profissionalizantes. Entre os temas estão democracia responsável, combate à corrupção, comunicação e marketing digital. "Capacitação política é criar um ambiente onde a mulher se sinta à vontade, é mostrar que existe um ambiente onde ela não será criticada.

Não adianta a gente dizer que quer 30% de mulheres na política, mas só procurá-las no período eleitoral. Queremos capacitá-las a participar do processo eleitoral".

Atualmente, o PSL Mulher da Paraíba trabalha em parceria com o PSL Jovem. Rebeca ressaltou que o partido apoia a instituição financeiramente

para a execução de ações no estado, como seminários. Cada cidade que tenha interesse cria o seu diretório do PSL Mulher. "Como houve as eleições agora, a gente está reformulando. Acredito que até 2022 a gente esteja em quase todas as cidades. Campina Grande, por exemplo, a presidente do partido é uma mulher, então ela não criou o diretório lá. A criação de cada diretório vai depender da participação das mulheres".

O diretório do PSL na Paraíba fica localizada em João Pessoa, no Bairro do Altiplano. Rebeca explicou que os atendimentos às mulheres estão sendo realizados por agendamento, devido à pandemia.



Rebeca Sodré, presidente do PSL Mulher: "A gente não se preocupa apenas com a eleição, queremos formar mulheres na política"

Canal de fortalecimento: de camponesas a ribeirinhas, passando pelos terreiros

Desde da década de 1980, no seu nascedouro, o Partido dos Trabalhadores (PT) tem uma secretaria de mulheres que tem como principal luta o empoderamento e fortalecimento das mulheres. De acordo com a representante da secretaria no estado, Cely Andrade, o segmento de mulheres do PT é um canal de fortalecimento. "Enquanto mulheres petistas, estamos inseridas na questão da luta das mulheres camponesas, e vários outros segmentos como as ribeirinhas e mulheres de terreiros", disse.

Através de plenárias, encontros regionais e projetos como o 'Elas por Elas', o partido incentiva a participação da mulher na política através da formação política. "Cada vez mais nós, mulheres do PT, com as nossas ações e organização, servimos como exemplo



Cely Andrade, do Partido dos Trabalhadores, no campo progressista; e Nena Martins, do Partido Trabalhista Brasileiro, no conservadorismo

para os outros partidos também implementarem. O Psol é um dos partidos que viu como essa forma de organização é salutar para as mulheres dentro do seu partido", comentou Cely.

De acordo com Cely, a principal forma de comunicação entre a Secretaria de Mulheres do PT e

a população é através das redes sociais, por meio do 'Mulheres PT' ou do site: pt.org.br.

Conservadoras

Além de incentivar a participação política feminina, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) tem, entre uma de suas ações,



incentivar o empreendedorismo nas mulheres. Nena Martins, presidente do PTB Mulher da Paraíba, ressaltou que os três pilares do PTB Mulher para o ano de 2021 são a capacitação das mulheres para atuação na política, o fortalecimento do ideário conservador e o estímulo ao em-

preendedorismo feminino.

O Cidadania, desde a sua origem histórica no PCB (Partido Comunista Brasileiro) e depois PPS (Partido Popular Socialista), luta pela igualdade e defende as bandeiras e reivindicações feministas. Atualmente, a Secretaria Nacional de Mulheres desempenha um trabalho destacado na questão do empoderamento feminino pela política.

Já o segmento de Mulheres Progressistas, do Partido Progressistas (PP), trabalha com o fortalecimento e participação das mulheres nos espaços de poder e decisão; igualdade no mundo do trabalho e autonomia econômica; enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres; e igualdade para mulheres jovens, idosas e com deficiência.

Trabalho remoto é inviável à maioria dos trabalhadores

Tendência é que oportunidades nas profissões necessariamente presenciais sigam mais raras, aumentando desemprego

Vinicius Neder e Daniela Amorim
Agência Estado

Difundido pela pandemia de covid-19, o trabalho remoto passa longe da realidade da grande maioria dos trabalhadores brasileiros. Sem poder trabalhar de casa, esse grupo também encontra mais dificuldade para se recolocar na retomada da economia. Em sua maioria, são trabalhadores mais jovens e de menor escolaridade. É o caso de garçons, vendedores de lojas, manicures e empregadas domésticas.

Antes da crise, as vagas de trabalho, formais e informais, que necessariamente são presenciais somavam 79,7 milhões de trabalhadores - 86% do total de empregados no fim de 2019. Essa parcela perdeu mais empregos com a crise, na comparação com os 12,9 milhões de trabalhadores em vagas que podiam ser executadas a distância, conforme um estudo em andamento da consultoria IDados, obtido com exclusividade pelo Estadão.

Com a piora da pandemia neste início de 2021, a tendência é que as oportunidades nas profissões necessariamente presenciais sigam mais raras, o que deverá contribuir para a alta do desemprego e o aumento da pobreza - conforme projeção do pesquisador Daniel Duque, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), sem o auxílio emergencial,



Profissionais como garçons só podem trabalhar de forma presencial: vagas foram reduzidas com a pandemia e retorno ao mercado está difícil

62,4 milhões de brasileiros, quase um terço (29,5%) da população, começaram este ano abaixo da linha de pobreza.

Tombo

Segundo Bruno Ottoni, pesquisador do IDados, no quarto trimestre do ano passado a população ocupada nas profissões propícias ao trabalho remoto era 3,4% menor do que um ano antes, em igual período de 2019. Enquanto isso, a variação da população ocupada em vagas necessariamente presenciais apontava para o fechamento de 8 milhões de vagas ante um ano antes, um tobo de 10%

na ocupação desse grupo. É uma retração três vezes maior do que a vista nas profissões propícias ao trabalho remoto - a discrepância aumentou, em relação ao terceiro trimestre.

O estudo do IDados usa as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE, replicando a classificação de ocupações propícias ao trabalho remoto de um estudo publicado no ano passado nos Estados Unidos.

O perfil do trabalhador remoto é composto majoritariamente por mulheres brancas que completaram o ensino

superior, diz Geraldo Góes, especialista em políticas públicas e gestão governamental do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), órgão do Ministério da Economia. Esse tipo de profissional está concentrado no Sudeste e no Distrito Federal.

“Quanto maior a renda per capita do estado, maior a escolaridade local, maior a proporção de pessoas trabalhando remotamente. Tem muito pouco trabalho remoto no Norte e Nordeste, mas na Faria Lima tem bastante”, afirma Góes.

Discrepância

Para Ottoni, do IDados, a discrepância na dinâmica de abertura e fechamento de vagas entre os dois grupos tende a aumentar neste primeiro trimestre, quando a economia deverá encorher frente o quarto trimestre de 2020. Os trabalhadores enfrentarão, ao mesmo tempo, a piora da pandemia e a falta do auxílio emergencial, já que a retomada do pagamento do benefício ficou mesmo para abril.

“Minha expectativa, diante de que tenho analisado dos dados antecedentes, é que, em janeiro e fevereiro, as pessoas voltaram para o mercado de

trabalho, voltaram a procurar emprego, porque o auxílio acabou”, diz Ottoni.

Os trabalhadores informais devem ter retomados suas atividades, de acordo com Ottoni. Com a abertura de vagas formais nas empresas que estavam funcionando mais ou menos normalmente em janeiro e fevereiro - antes do aperto nas restrições ao contato social -, a ocupação deve ter crescido. Por outro lado, sem o auxílio, os informais podem ter voltado a trabalhar por qualquer remuneração. O rendimento do trabalho pode ter despencado.

+ Pandemia causou demissão e reduziu vagas para domésticas

Há um ano, com a chegada da pandemia, o país parou. As famílias de renda média e alta, que puderam ficar em casa, usar o comércio eletrônico e as entregas em domicílio dos restaurantes, também mudaram suas combinações com as empregadas domésticas. Destaque nas ocupações que não podem ser exercidas remotamente, as domésticas estão entre os trabalhadores mais atingidos pela crise. Ano passado, 1,2 milhão de pessoas perderam o emprego nessa atividade, 16% do total de vagas fechadas, entre

formais e informais, segundo o IBGE.

A adaptação à pandemia passou por vários arranjos. Houve famílias que seguiram pagando salários normalmente, mesmo sem os serviços prestados. Nas relações formais, com carteira assinada, foi possível dar férias, suspender contratos e reduzir jornadas. Nas relações sem carteira, incluindo diaristas e as domésticas mensalistas em situação ilegal, foi mais difícil ficar apenas na redução do salário. Em todos os casos, não faltaram demissões.

A piora da pandemia agravou o quadro. O Sindoméstica, sindicato das domésticas do Rio, percebeu aumento das demissões formais neste início de ano. Foi o que aconteceu com Eliana Maria de Moura, de 36 anos, demitida em meados do mês passado, após quase um ano de isolamento, passando a maior parte do tempo em casa. No fim do ano, passou pelo trauma de perder a mãe, vítima da covid-19.

“Graças a Deus meus patrões seguraram por quase um ano. Sou muito grata a eles”, diz Elia-

na, que recebeu o salário integral de R\$ 1,4 mil o tempo todo, mesmo reduzindo a jornada. Durante a pandemia, ela ia trabalhar uma vez por semana, ou a cada quinze dias. Na demissão, os patrões alegaram que não estavam conseguindo manter o pagamento, conta Eliana.

Segundo Luana Pinheiro, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a piora da pandemia e o aperto na renda das famílias que contratam os serviços dificultam a retomada das vagas perdidas.

Isso num quadro de rendimentos em queda, pois “as domésticas que trabalhavam em faxina cinco ou seis dias na semana passaram a ter um ou dois dias”.

A economista Hildete Pereira de Melo, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), lembra que a crise poderá “empurrar” mais mulheres para o trabalho doméstico. Muitas vezes, o serviço serve como “bico” ou última opção quando elas perdem o emprego em outras atividades. (As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.)

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Eu nasci quando o mundo começou

Leitora deste blog adverte para o pecado da vaidade. Ela imagina que sou muito ansioso em ter reconhecido meus próprios méritos, ou os que julgo ter. Isto porque sempre estou postando frases elogiosas de meus compadres e comadres tão generosos. Portanto, peço permissão à minha nobre amiga que me censura brandamente pelo egocentrismo, mas tenho que citar mensagem que recebi de minha ex-professora Irene Marinheiro:

“A sociedade como um todo, não só a itabaianense, tem que ter orgulho de um ser humano como Fábio Mozart, pois ele tem contribuído para a melhoria dela e por um mundo melhor, mais fraterno e mais igual, sem tantas injustiças e tantas misérias. Se a sociedade não o reconhece como o grande homem que ele é, certamente é cega, surda e burra. Tenho muito orgulho de ter sido sua professora e de muitas vezes ter-lhe tido como confidente e sempre como amigo. Mais satisfeita fico em ver como defende insistentemente suas ideias de um ser político, indiferente a tudo o que já passou. Eu e Zenito somos seus eternos admiradores - Irene Marinheiro”.

Pronto, a imodéstia toma conta de novo da Toca do Leão. No embalo, leio que o arcebispo irlandês James Ussher (1581-1656)

descobriu que, baseado na cronologia da Bíblia, o mundo foi criado exatamente no dia 25 de outubro do ano 4.004 antes de Cristo, um domingo. Justamente no dia em que eu vim ao mundo. Um saudável senso de ironia é outro atributo deste que vos escreve daqui desta cidade mesopotâmica entre o Atlântico e o Sanhauá.

Portanto, exercendo meu sagrado direito ao sentimento egoísta, esse “eu” maravilhoso de cada um, que é o centro superior da consciência, vou publicando por aqui os elogios recebidos. Não é presunção, apenas registro do que as pessoas pensam a meu respeito. Pecado da vaidade? Já disse o cronista: pecado não passa de uma malandragem das convenções, de uma safadeza do establishment, de um engodo ideológico.

Meu pecado é ser honesto. E humilde. Não fora esse detalhe, seria perfeito! Eis que recebo telegrama eletrônico do meu compadre Bebê de Natércio vazado nos seguintes termos, como se falava no tempo dos telegramas: “Esse Mozart é um fenômeno de criatividade na radiofonia do Brasil. Dá prazer escutar seu programa “Rádio Barata no Ar”. Meu compadre e parceiro Bebê de Natércio foi escandalosamente bondoso comigo. É muita areia pro meu caminhãozinho, mas eu aceito, que elogio é feito peruca:

quase sempre é falso, mas massageia o ego do freguês prestigiado. Ainda não fui vacinado contra aplausos e glorificações dos amigos, que isso é bom para a autoestima, mesmo se correndo o risco da egolatria.

Para todos os que educadamente e amizadamente me desejaram suportáveis dias de reclusão nesses infelizes tempos de mortes e atrasos civilizatórios, resta comunicar que tomei vacina contra coronavírus. Eu e meus inflamados órgãos esperamos pacientemente, até que acabamos por nos proteger do mal virótico.

Antes de morrer de infarto, o cordelista Moraes Moreira escreveu um cordel que começa assim:

Eu temo o coronavírus
E zelo por minha vida
Mas tenho medo de tiros
Também de bala perdida,
A nossa fé é vacina
O professor que me ensina
Será minha própria lida

Bordado labirinto da Paraíba mostra potencial para a moda

Projeto apoiado pela Fapesq busca tornar a técnica tradicional em uma marca genuinamente paraibana que ultrapasse divisas

Renato Félix
Especial para A União

Morada, no dicionário, pode significar “lugar onde se mora” ou “lugar onde algo se encontra de maneira permanente”. Os dois sentidos co-habitam no nome de um projeto que procura jogar holofotes na produção de bordado labirinto no Agreste paraibano. Geralmente usada para a produção de elementos decorativos, como jogos americanos e passadeiras, a técnica agora está adentrando o universo da moda – e a intenção é que se torne uma marca paraibana que ultrapasse as divisas do estado.

As designers Lu Azevedo e Suellen Albuquerque comandam o projeto Morada, que está recebendo financiamento do Governo do Estado, através do edital Centelha, da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq/PB). É um aporte de R\$ 58 mil, destinado à construção da marca (identidade visual e comunicação), aquisição de matéria-prima, modelagem e confecção das peças, remuneração das labirinteadoras, e algumas soluções estruturais como a aquisição de um fogão industrial.

Lu Azevedo é brasileira, fez faculdade em Londrina, no Paraná. Lá, ela começou a trabalhar com a associação entre design de moda e artesanato. Fez mestrado na área na Universidade Federal de

Pernambuco, em Recife, e depois passou a morar em João Pessoa. Ela tem uma marca própria, Lu.Az (<https://www.instagram.com/lu.az>), mas encampa esse projeto paralelo. “Sou apaixonada pelo projeto, é a realização de um sonho”, diz. “Já venho desenvolvendo trabalhos nessa área de grupos de geração de renda e artesanato tradicional têxtil há 14 anos”.

A paraibana Suellen Albuquerque é parceira e sócia na empreitada. “Suellen é a mandachuva da administração, da gestão, de toda a parte comercial, de vendas, de diálogo com as empresas”, explica Lu. “Eu sou mais da parte criativa e do diálogo com a parte da técnica artesanal e dos tingimentos”.

O projeto busca impulsionar o trabalho das mulheres que usam o bordado labirinto, uma técnica que permite, através do entrelaçamento dos fios, a criação de desenhos. “O bordado consiste em desfilar o tecido já pronto e depois ir preenchendo com desenhos dessas partes que foram desfiadas”, conta Lu Azevedo. “É muito minucioso, muito bonito e a gente tem vivenciado junto os momentos em que elas se reúnem para fazer. É esse trabalho manual: tem história, tem uma herança aí”.

A ideia, então, é criar e estruturar uma marca que possa inserir a técnica do bordado labirinto na sua produção. “Então a gente está pensando numa rede produ-



Iniciativa busca impulsionar o trabalho das mulheres que usam o bordado labirinto, uma técnica que permite, através do entrelaçamento dos fios, a criação de desenhos

va dessa marca que insira as associações de bordadeiras e outras lideranças com que a gente já se relaciona nessa região de Ingá e Riachão do Bacamarte”, afirma.

A ligação da designer de moda com esse tipo de bordado já vinha de longe no tempo porque a brasileira possui família na Paraíba. “Eu já tinha uma ligação anterior com o bordado labirinto porque ele é produzido no Agreste, ali, principalmente na região de

Ingá e Riachão do Bacamarte – e minha avó era de Ingá. E as heranças que eu tinha da minha avó estavam ligadas a essa tipologia artesanal. Já cresci meio nesse universo”.

O reencontro com essa técnica surgiu quando ela fez parte de uma equipe que fez a coleção de abertura do Salão de Artesanato de 2019, em Campina Grande, em junho daquele ano. O evento homenageava justamente o bordado labirinto.

Cultura e história

A busca por uma identidade paraibana, mas que se comunique com o mundo, é cara às idealizadoras do Morada. “A ideia do bordado, de trabalhar com essas associações e com as mulheres, vem da gente buscar uma identidade cultural local”, afirma Lu Azevedo. “A gente quer fazer uma moda paraibana contemporânea, quer chegar no mundo inteiro – no sentido de que a gente quer trabalhar um produto para diversos públicos. A gente quer uma abrangência nacional”. Para isso, a ideia da marca é ser toda e-commerce.

Para isso, aquela máxima do escritor russo Liev Tolstói: “Se quiser ser universal, começa por pintar a tua aldeia”. “A gente quer trabalhar a identidade da gente aqui. Quer fazer um bom design paraibano, trabalhar com uma técnica paraibana, materiais também daqui e beneficiar a comunidade local”, afirma a designer. “E, principalmente, a gente quer tentar contribuir para que elas continuem existindo enquanto artesãs, enquanto mulheres bordadeiras, que têm essa identidade, mas que também geram renda e conseguem fazer seus produtos terem alcance”.

Para ela, a identidade da técnica e seu valor histórico são seus maiores diferenciais. “O grande diferencial dessa técnica acho que é ela ser daqui. É o saber fazer, é a história de quem faz, a história do seu território. O bordado labirinto é bellissimo, é bonito demais. A gente cada dia se encanta mais com ele”.

“Tanto eu quanto a Lucyana somos professoras, somos designers”, completa Suellen Albuquerque, que também já tinha uma atuação associando o design com o artesanato. “No meu trabalho como professora e como profissional do mercado, sempre atuei muito na gestão e desenvolvimento da educação empreendedora”.

Para ela, ser designer ajudou a trabalhar essa questão buscando a potencialidade do local e a inovação como um princípio para o desenvolvimento do empreendedorismo.

Redirecionamento do trabalho das artesãs

Um ponto importante é o redirecionamento dos produtos que surgem do trabalho das artesãs. “Num primeiro momento, o bordado labirinto me parecia, assim, riquíssimo, mas com pouca aderência de mercado hoje em dia”, analisa Lu Azevedo. “Porque elas fazem muitos jogos americanos, passadeiras, peças grandes e ligadas à decoração. E elas têm uma dificuldade de manter essa venda, essa comercialização”.

A solução é abraçar o mundo da moda. “Os produtos de moda têm uma fluidez de mercado maior que os produtos de decoração”, explica. “E o fato de a gente estar chegando com esse conhecimento de design, ou focando no nicho de mercado do consumidor consciente, do consumidor político mesmo, a gente consegue ampliar o trabalho. Sendo bom pra gente e sendo bom para as artesãs, também”.

Assim, o trabalho de desenvolvimento dos pilotos já começou. “A gente já fez com

elas alguns testes de materiais, de pontos, já criou em conjunto alguns bordados, desenhos para esses bordados... E a gente está no momento de aquisição de materiais e pilotagem”. Pilotagem é a confecção das primeiras peças para testes de caimento e modelagem.

O projeto Morada não implica apenas no bordado, mas também no tingimento das peças e nas opções de tecidos – mais elementos de uma cadeia que busca o aproveitamento das diversas possibilidades paraibanas.

“A Morada nasce já com a ideia do bordado, mas o bordado vem ali como uma técnica a somar”, diz a designer de moda. “O trabalho com o tingimento natural eu faço há muitos anos, também: há 12 anos. Então, eu já desenvolvo produtos nessa área, tanto produtos de moda quanto oficinas, projetos de pesquisa, formação...”.

Foi feita uma pesquisa de campo, uma coleta de plantas

nativas na Serra Velha, em Ingá. “Acho que um diferencial bacana nessa pesquisa de campo”, avalia Lu. “A Serra Velha é uma área com plantas nativas. A gente fez uma coleta de amostras dessas plantas e testes para tingimentos, extremamente complexos, com várias misturas, várias possibilidades para melhor fixação, para garantir boas cores, sólidas. Essa também foi uma grande possibilidade de aumentar nosso contato com o local”.

Quanto aos tecidos, a preferência é pela sustentabilidade. “A gente trabalha com tecidos naturais para poder fazer o tingimento”, explica Lu Azevedo. “E também porque a gente quer desenvolver uma moda dentro de uma cadeia local. Então a gente também utiliza o algodão orgânico produzido aqui, uma parte de algodão convencional e outros tecidos, mas todos eles numa linha mais sustentável, mais ecológica. E todos de fibra natural, até pela questão do tingimento”.

Nome vem de canção da cultura popular

A escolha do nome Morada para o projeto foi inspirada por uma música da cultura popular que as labirinteadoras cantam juntas na produção das peças. Um trecho da letra diz: “Balaio é coisa comum/ Que em toda morada tem/ Não custa muito dinheiro/ Nem custa fazer também/ Eu quero levar comigo/ Pra dentro do coração/ A lição que o balaio ensina/ Como é bela a união”.

“A gente estava procurando esse vínculo com o território”, reforça Lu Azevedo. “A

gente entende que numa moda globalizada hoje, a gente precisa buscar o que é nosso e genuíno. Eu, apesar de não ser paraibana – minha família é -, voltei pra cá, já adulta, e fiquei completamente apaixonada por essa terra – e daqui eu não quero sair. Então a gente pensou muito sobre isso: o que a gente podia fazer no nosso local, mas que fosse global, que pudesse ter um alcance para outros territórios, mas que pudesse ser produzido aqui”.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO

JOÃO BEZERRA JUNIOR, portador da Carteira de Identidade RG nº 932165, expedida pela SSP/PB, inscrito no CPF/MF sob o nº 259.583.834-00, DECLARA, nos termos do art. 6º do Regulamento Anexo II à Resolução nº 4.122, de 02 de agosto de 2012, sua intenção em exercer cargo de administração no Banco Cooperativo Siciredi S.A., inscrito no CNPJ/MF D1.181.521/0001-55, ESCLARECE que eventuais objeções à presente declaração, acompanhadas da documentação comprobatória, devem ser apresentadas diretamente ao Banco Central do Brasil, por meio do Protocolo Digital, na forma especificada abaixo, no prazo de quinze dias contados da divulgação, por aquela Autarquia, de contínuo público acerca desta, observado que o declarante pode, na forma da legislação em vigor, ter direito a visitas de processo respectivo. Protocolo Digital <https://protocolodigital.bcb.gov.br>. Selecionar, no campo “Assunto”, Autorizações e Licenciamentos para Instituições Supervisionadas e para Intermediários da SPB. Selecionar, no campo “Destino”, o componente do Departamento de Organização do Sistema Financeiro - Deorf mencionado abaixo.

João Pessoa/PB, 28 de março de 2021.

Banco Central do Brasil

Departamento de Organização do Sistema Financeiro - DEORF/Gerência Técnica em Porto Alegre

(GTPAL)

Endereço eletrônico Protocolo Digital: <https://protocolodigital.bcb.gov.br>

2º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTROS DE IMÓVEIS
COMARCA DE SANTA RITA – PB
Rua Siqueira Campos, n.º 53, Centro – CEP: 58.300-180 – Santa Rita/PB – CNPJ
09.308.818/0001-40

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO DE CONFRONTANTES

A Dra. Patrícia Mayer Pinheiro Lima Franca, na qualidade de Oficiala em Exercício do Serviço Notarial e Registral – 2º Ofício de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Santa Rita/PB, segundo as atribuições e comandos contidos nos artigos 941 e 942, do Código de Normas Extrajudicial da Corregedoria Geral do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba, vem, pelo presente, notificar os proprietários (ou ocupantes) residentes e domiciliados no Lote 01-D1, da quadra F-02, do Loteamento Planalto Santa Rita, Santa Rita/PB, como sendo casa 01 e casa 02, para, querendo, no prazo de 15 (quinze) dias, apresentar manifestação/impugnação ao pedido de inserção de uma unidade dentro do terreno do condomínio, que está edificado no lote 01-D1, da quadra F-02, do Loteamento Planalto Santa Rita, Santa Rita/PB, requerida em 08 de outubro de 2020 pela proprietária do imóvel, através do Protocolo da Serventia n.º 2020-04622. Dr.ª Patrícia Mayer Pinheiro Lima Franca, Oficiala Tabelião Interventora em Exercício do Serviço Notarial e Registral – 2º Ofício de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Santa Rita/PB.

Aos domingos com Messina Palmeira



1. Fui convidada - claro que aceitei! - para ser a primeira ocupante na Cadeira de nº 22 da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - ACCAL - Litorânea, cujo patrono é o compositor Jackson do Pandeiro. A entidade cultural é presidida pela professora e escritora Tânia Castelliano (foto).
2. Uma boa pedida para esses dias de confinamento é o "Top Secret - O Livro das Mágicas", do mágico Omar Khayam. Com o livro, dirigido às crianças, aos pais e apreciadores da arte mágica, o aprendiz de mágico poderá dominar diversos truques incríveis. A supervisão editorial é do prof. Francelino Soares. O livro está disponível na www.amazon.com ou através WhatsApp (83)99982-5499.
3. O Troféu Maria da Penha que nesta edição on-line tem a parceria da presidente da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba, professora Bernardina Juvenal Freire (foto), vai homenagear as valorosas mulheres Andréia Barros Costa, Ana Adelaide Peixoto, Ana Maria Sales Lins, Carol Marques, Denise Santos, Fátima Bezerra, Gilvanedja Ferreira Mendes, Giuliana Martins, Janete Lins Rodriguez e Katy Lisias Gondim Dias de Albuquerque.
4. Ana Flávia Pereira, Manuelina Hardmam (foto), Marta Lívia Suplicy, Maria dos Anjos Mendes Gomes, Maria Nazaré Zenaide, Marília Anaud, Melca Farias, Paula Francinete, Rejane Martins Pereira e Terezinha Marcelino também serão homenageadas com o Troféu Maria da Penha 2021.
5. Um pacote com destino à Ilha da Madeira, Lisboa e Madrid está sendo preparado pela empresária Moema Reis e por esta colunista. Em breve, divulgaremos detalhes deste evento, que é exclusivo para quem tiver tomado todas as doses vacinais.
6. A professora doutora Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca, ainda recolhida em sua bela vivenda de Cambinho, pretende passar o segundo semestre deste ano em Dublin, na Irlanda. Evidentemente, quando e se essa "tempestade" tiver dado uma trégua.
7. A Prefeitura de João Pessoa lançou, através da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), na segunda-feira (22/03), edital do Prêmio Literário Políbio Alves. O escritor e poeta homenageado, Políbio Alves (foto), mostrou-se encantado com o reconhecimento de sua capacidade cultural, ainda em vida.
8. O Museu Casa do Artista Popular Janete Costa, espaço cultural localizado na Praça da Independência, em João Pessoa, já está completamente concluído e, assim que esta pandemia passar, será inaugurado pelo Governo do Estado.
9. O cônsul-geral da França para o Nordeste, Monsieur Hugues Fantou, fez visita de cortesia ao reitor da UFPB, professor Valdiney Gouveia (em foto, de Rogério Almeida). O objetivo da visita foi a realização de parcerias e cooperações entre as duas instituições.
10. Wilberto Trigueiro, Ricardo Barbosa, Fernando Lianza, Ana Isabel Sousa Leão, Kaline Macena, George Dallameida, Daniella Pereira Barbosa, Rosa Aguiar, Nilda Gondim, Bruno Azevedo e Conceição Medeiros (esta, na foto, com o marido o médico Antônio Medeiros), são os aniversariantes da semana.



30 anos do Mercosul

Encontro expõe divergências entre Uruguai e Argentina

Emilly Behnke
Agência Estado

O encontro da cúpula do Mercosul em comemoração aos 30 anos do bloco na última sexta-feira, 26, expôs o desalinhamento dos países-membros. Boa parte da discussão foi ignorada pelo presidente Jair Bolsonaro, que deixou a videoconferência após pronunciamento. A principal rusga se deu entre os presidentes do Uruguai, Luis Lacalle Pou, e da Argentina, Alberto Fernández, que ocupa a presidência rotativa do bloco.

Lacalle Pou fez um discurso duro em que defendeu a flexibilização do bloco e que este não seja um peso para os seus membros. Ele afirmou que o Mercosul não deve e não pode ser um "lastro", em referência à carga colocada em embarcações para a navegação.

Ao final da videoconferência, Fernández rebateu: "Se nós tivermos nos convertido em outra coisa, em uma carga, lamento. A verdade é que não queremos ser uma carga para ninguém", disse. O presidente argentino disse ainda que "se a carga é muito pesada, o mais fácil seria descer do barco". "Terminemos com essas ideias, num momento em que a unidade tanto nos importa. Não queremos ser um lastro para ninguém, se somos um lastro, que tomem outro barco", disse.

Na reunião, Lacalle Pou também cobrou

maior atuação do bloco e a sua flexibilização. "Vamos propor formalmente discutir a flexibilização. O Uruguai precisa tecnicamente e, sobretudo, politicamente que o Mercosul tome uma decisão a respeito", disse Lacalle Pou.

Assim como Lacalle Pou, a modernização do bloco e a atualização da Tarifa Externa Comum (TEC) também foram defendidas por Bolsonaro, que foi o segundo a falar na videoconferência. O presidente pediu maior integração regional e "redobrar esforços nas negociações externas".

Bolsonaro também ressaltou que eventuais diferenças políticas entre o bloco não podem influenciar a integração e desenvolvimento econômico dos países. "Para levar adiante a agenda de modernização do Mercosul, é preciso compromisso e espírito de cooperação entre os membros. Diferenças de perspectivas que existam entre nós, de natureza política ou econômica, não devem afetar o andamento do projeto de integração, desde que respeitados os princípios que balizam o bloco", disse.

O chefe do Executivo também destacou a importância da reunião em abril entre os ministros de países-membros do bloco. No encontro, é esperada a discussão da flexibilização das regras do Mercosul e também o debate sobre a Tarifa Externa Comum. A tarifa foi ainda citada pelo Paraguai, Mario Abdo Benítez, que também pediu que as negociações externas sejam feitas de forma conjunta e coordenada, sem que isso seja uma "barreira" no desenvolvimento dos países do bloco.

No encontro de sexta-feira, Fernández propôs a criação de observatórios para tratar da qualidade da democracia, da violência de gênero e do meio ambiente. O tema do meio ambiente, em especial, é uma cobrança internacional direcionada ao Brasil, mas não foi mencionada por Bolsonaro em sua fala.

Além dos presidentes dos países-membros (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) a videoconferência também teve a participação dos chefes de Estado do Chile e da Bolívia, países associados.

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Celso da Silva, 221
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO Não é legal, é imoral

Guarde as provas, DENUNCIE!

BASTA

Registre um boletim de ocorrência na delegacia mais próxima

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



Produção de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) ajudaram a manter empresas em funcionamento durante o primeiro ano da pandemia, preservando postos de trabalho



Indústria inicia recuperação após período de incertezas

Fábricas precisaram se adaptar às demandas, flexibilizar horários e definir novas regras para manter produções

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

“O ano de 2020 não foi fácil para a indústria e nem para a economia no Brasil. As empresas precisaram se adaptar, flexibilizar horários, definir novas regras de trabalho e manter a produção”. A afirmação foi do presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep-PB), Francisco Buega Gadelha, ao comentar os desafios do setor durante a pandemia do novo coronavírus.

A indústria, apesar de não ter paralisado as atividades na Paraíba, sofreu impacto no faturamento e na renda. Buega Gadelha frisou que, até junho de 2020, a produção sofreu reduções e o saldo de empregos foi negativo. De julho em diante, porém, o desempenho de empregos foi crescente, alavancado pelos setores da indústria e de serviços. A Paraíba conseguiu fechar o ano com um saldo positivo de 7.206 trabalhos formais.

O resultado foi possível devido a algumas medidas do Governo Federal como o Programa Emergencial para Manutenção do Emprego e da

Renda, do auxílio emergencial e da liberação de créditos emergenciais. O trabalho conjunto da Fiep-PB, Sesi e Senai Paraíba levou capacitação e orientação aos colaboradores do setor, mitigando riscos e estimulando o crescimento das indústrias.

O presidente da Fiep-PB afirmou que quando o índice de casos de covid-19 estavam em alta no ano passado, foram lançados editais de inovação para investimentos em projetos que ajudaram a solucionar ou minimizara crise. Um dos projetos aprovados foi a manutenção de respiradores hospitalares por todo o Brasil. O Senai, de acordo com ele, colocou à disposição da sociedade pontos de manutenção em vários estados do país. “E a Paraíba também dispôs desse serviço”, destacou Buega.

Para o setor industrial, por exemplo, foram produzidos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para atender os profissionais na área de saúde e também a comunidade. Através dos Institutos Senai de Tecnologia em João Pessoa e Campina Grande, foram produzidos itens como álcool em gel 70%, máscaras, luvas e toucas.

A pandemia também exigiu um

/// Apesar do período difícil para o setor industrial, o estado conseguiu fechar o ano com um saldo positivo de 7.206 trabalhos formais ///

olhar diferenciado do funcionário da indústria, acelerando tendências que têm reflexo no mercado profissional, como a mudança de perfil do trabalhador. De acordo com Gadelha, se o mercado já valorizava os profissionais criativos, proativos e com domínio tecnológico, agora, esse novo perfil não só continuará sendo valorizado, mas deve abusar da criatividade, desenvolver uma postura colaborativa, flexível, com domínio tecnológico e inteligência emocional. “Principalmente, com capacidade de resolução de problemas em qualquer ambiente”, completou.

Buega Gadelha declarou que a vacinação em massa contra a

CUSTO INDUSTRIAL

■ O último ano foi de resiliência para muitas empresas, que tiveram que manter as atividades diante dos percalços trazidos pela covid-19. Um deles foi o aumento do Indicador de Custos Industriais, que subiu 8,6% no terceiro trimestre de 2020, sendo o maior aumento já registrado desde 2006. “O aumento no índice de custo de produção em 2020 teve grande impacto pelo custo com energia e pelo gasto com bens intermediários (insumos). Seu aumento se deve às circunstâncias também geradas pela crise, mas com caráter persistente”, frisou Buega Gadelha.

■ O clima de incerteza na economia também impactou na queda da expectativa do empresário no final do ano passado, cuja intenção de investimento nos próximos seis meses saiu de 57,8% para 54,3%. Segundo Buega, mesmo com essa redução, o índice continua acima da linha divisória de 50 pontos (que separa confiança de falta de confiança) e também de sua média histórica, de 47,5 pontos. “A principal razão para a queda da confiança é a avaliação das condições correntes de negócio, que se tornou menos positiva, apesar da manutenção do sentimento geral de otimismo”, frisou.

covid-19 será fundamental para a melhoria do ambiente de negócios e a retomada da economia de modo sustentado. “À medida que a vacinação for avançando, as incertezas econômicas, políticas e sociais relacionadas à pandemia se dissipa-

rão. Afastado o risco da doença, as pessoas e as empresas se sentirão mais seguras para retomar plenamente suas atividades”.

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Falta-nos um modelo integrado para a gestão desta crise

Não há como se obter eficácia na execução de tantas medidas de combate à pandemia da covid-19, sem um modelo integrado de gestão. Por entendimentos legislativos e definições judiciais, temos hoje em curso no Brasil uma situação em que as decisões são tomadas em três níveis distintos de competências (municípios, estados e União), sem a necessária convergência de propósitos, sob a influência de interesses gestados no ventre da política partidária e nos estilos particulares de pessoas que por vezes demonstram despreparos para exercerem os cargos que ocupam.

Os números que espelham a realidade brasileira no contexto desta crise, nos colocam em elevados patamares de um indesejável ranking. Nos 193 países do mundo, existem 7,85 bilhões de pessoas. No Brasil, temos 2,7% da população da Terra, no entanto, respondemos por 9,8% dos infectados e 11% das mortes pela covid no planeta.

É perceptível a desproporcionalidade que existe número de pessoas, espelham a nossa ineficácia no combate a esta pandemia. Nos campos econômico e social, os dados também são preocupantes. A esse respeito existe uma vasta fonte de consultas

demonstrando estes efeitos danosos.

Recentemente, um grupo de mais de quinhentos notáveis economistas brasileiros, integrantes de diferentes correntes de pensamentos, subscreveram uma carta aberta à sociedade, fazendo uma análise do cenário em que nos encontramos e propondo medidas de combate à pandemia. É um documento bem feito, que vale a pena ser levado em consideração.

Na última sexta-feira, foi publicado no Diário Oficial da União, assinado pelo presidente Jair Bolsonaro, o decreto que institui o Comitê de Coordenação Nacional para o Enfrentamento da Pandemia da Covid-19, que terá duração de 90 dias, podendo ser prorrogado. O comitê é formado pelos poderes da República e os estados. Surge com o propósito de discutir e articular medidas de combate à pandemia no âmbito nacional, bem como no enfrentamento dos problemas econômicos, fiscais, sociais e de saúde, decorrentes da crise.

Os estados e municípios também formaram várias frentes de trabalho com o objetivo de encontrarem soluções para a crise no âmbito dos seus territórios. São muitos planos, pacotes e decretos que tentam as melhores saídas

para superação destes problemas.

No campo empresarial privado, diversas instituições que representam estes importantes integrantes do sistema produtivo nacional, também se mobilizam com o objetivo de encontrarem alternativas para vencerem os desafios impostos por esta pandemia.

A sociedade civil organizada tem reagido com atitudes que demonstram a preocupação e o interesse em contribuir na busca de soluções. Destaco o movimento “Unidos pela Vacina” liderado por Luiza Helena Trajano, presidente do Magazine Luiza, através de um grupo denominado “Mulheres do Brasil”, que conta com mais de 75 mil integrantes. É interessante ressaltar que homens também participam deste movimento.

São muitas as atividades em curso, de forma que não esgote aqui tudo o que está acontecendo em busca de respostas e alternativas viáveis para sobrevivência das pessoas e das atividades produtivas, bem como da recuperação das perdas contabilizadas, empreendendo esforços de superação para a retomada do crescimento e desenvolvimento do nosso Brasil.

Diante de tantas coisas acontecendo, a interrogação maior é no sentido do porquê

não logramos êxito. Daí, surgem muitas distintas opiniões. Fala-se dos equívocos nas relações institucionais e diplomáticas, da politização da crise, da desonestidade de alguns gestores públicos e empresários, das atitudes radicais e fanáticas de alguns brasileiros, de ignorarmos as recomendações da ciência, da ineficácia no processo de diálogos entre governos e setores produtivos, do empoderamento de pessoas com perfis inadequados, enfim, seria uma longa descrição se pudéssemos estender este diagnóstico.

Parece que estamos diante de um “quebra-cabeça” onde as peças, embora suficientes, não possuem os necessários contornos para se encaixarem. As pessoas ficam a bater cabeças, muitas vezes sem compreender como desempenhar seus papéis. É imenso o desafio para se encontrar uma cadência que coloque todo este pelotão em marcha harmoniosa no combate à pandemia. É preciso agir de forma conectada.

Vivemos uma crise que se origina na necessidade de combatermos um vírus, mas também precisamos vencer a instalada “crise de competências”. Falta-nos um modelo integrado de gestão.

Empreendedores inovam para driblar a crise na pandemia

Sistemas delivery, takeaway e drive-thru ajudam comerciantes a manter as vendas durante medidas restritivas

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Com as medidas restritivas impostas pela covid-19, muitos setores econômicos tiveram que se reinventar para permanecerem competitivos no mercado. Ao longo desse um ano de pandemia, somente quem buscou alternativas venceu muitas das dificuldades inerentes ao fenômeno mundial. A inovação na produção, venda, atendimento, comercialização e comunicação com o cliente fez a diferença, e quem já era habituado a inovar saiu na frente.

O gerente da Unidade de Gestão, Inovação e Competitividade do Sebrae-PB, Elinaldo Macêdo, frisou que inovar e buscar se adequar ao momento é fundamental para a pequena, média e grande empresa. Ele destacou que no decorrer do último ano, a pandemia trouxe mudanças de hábito no cotidiano do consumidor, o que exigiu alteração na postura do empresário. E para atender às necessidades dessa demanda, muitos tiveram que sair da zona de conforto e encontrar, na dificuldade, mais "oportunidade".

"A cultura da inovação deve ser perseguida por cada gestor. A gente fala muito da compra e venda, mas também há inovação na fabricação do produto, que pode sofrer modificações; na comercialização, na comunicação. Ou seja, você tem de inovar em várias frentes para que sua empresa seja visualizada", destacou o analista.

Segundo ele, há quem diga que determinada inicia-

/// No decorrer do último ano, a pandemia trouxe mudanças de hábito no cotidiano do consumidor, o que exigiu alteração na postura do empresário ///

tiva de gestão "não é coisa para o pequeno, mas somente para a grande empresa". Esse discurso, porém, está ultrapassado. "O pequeno tem de acompanhar as boas experiências e os grandes, por sua condição financeira e resultados, puxam esse processo. Visualizar oportunidade não é só coisa de gente grande, mas de empreendedor", acrescentou.

O analista afirmou que dentro do contexto preocupante da pandemia, houve quem atentasse para as oportunidades, inclusive com empreendedores que registraram aumento no número de clientes e no faturamento. Portanto, seja na crise ou na bonança, o empreendedor deve estar com a empresa sempre atenta para atrair, atender e compreender o cliente de uma maneira mais célere, econômica e confortável.

Modelos locais

E não faltam exemplos no mercado de empreendedor batalhando para não perder os clientes. Há mais de 30 anos atuando no ramo de alimentação fora do lar,



Lojistas precisaram buscar formas para atrair o consumidor, que tem se mostrado mais cauteloso para gastar o dinheiro em produtos não essenciais

Fábio Francisco da Silva, dono da "Feijoada do Fábio", em João Pessoa, sempre foi adepto do atendimento presencial. "Gosto de receber e conversar com meus clientes", confessou.

Mas no ano passado, após passar cerca de quatro meses com o restaurante em Jaguaribe fechado, devido à pandemia, de ter dispensado os funcionários e até vendido o próprio carro, teve de repensar seu ponto de vista.

Há seis meses, ele adotou o serviço delivery e está reconquistando os clientes.

Além da tradicional feijoada e o rubacão, Fábio planeja incluir no cardápio peixada e filé à parmegiana. Sem capital para investir no negócio, os pedidos são feitos no próprio celular do empreendedor, que também ajuda a entregar os pedidos, juntamente com um funcionário que contratou.

O delivery funciona, por enquanto, apenas no final de semana. "De segunda a sexta-feira, estou fazendo entrega de polpa de fruta na casa dos clientes. Uma empresa me contratou para fazer o serviço

e me ajudou cedendo a moto. Isso já é outra fonte de renda", declarou Fábio e acrescentou. "Sou muito comunicativo e

sempre resisti ao delivery. Mas quando chegou a necessidade, tive que adotar o serviço, que está dando certo".

SAIBA MAIS

■ O analista do Sebrae-PB, Elinaldo Macêdo, salientou que o delivery, as lojas on-line, ou seja, o universo digital, é algo que veio para ficar, e se configura como uma janela a mais na empresa. "Isso é algo extremamente importante para a inovação, mas também para um processo de enfrentamento de dificuldade do consumidor que não pode sair de casa, mas precisa ser abastecido. O digital não tem mais volta. Ele foi incorporado ao cotidiano da sociedade", garantiu.



Serviços foram ampliados

Os modelos de serviço takeaway, drive-thru, delivery, cardápio digital, a busca de mais profissionalismo foram alguns dos investimentos dos empreendedores dos bares e restaurantes na pandemia. O presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes na Paraíba (Abrasel-PB), Arthur Lira, declarou que, se antes da pandemia 40% dos restaurantes não ofereciam a opção delivery, no último ano, esse índice caiu para 8%.

"Todo mundo precisou olhar internamente e reavaliar os cardápios. O empresário teve de se capacitar, entender como organizar o negócio em função da crise econômica, se informar sobre a área sanitária, o digital. Então, a pandemia vai deixar esse legado", destacou.

Arthur Lira declarou que mesmo com essas estratégias, o setor fechou 2020 com queda de quase 40% na receita e não foi possível evitar o fechamento de uma parcela dos estabelecimentos. Segundo ele, são cerca de 2 mil pontos comerciais formalizados e calcula-se que haja a mesma quantidade na informalidade. A estimativa é de que pelo menos 20% dos bares e restaurantes no estado tenham quebrado devido à crise trazida pela covid-19. A expectativa da Abrasel é de que o setor feche 2021 com queda de 20%, mas espera-se que a partir do segundo semestre deste ano, o empresário tenha capacidade de se preparar para voltar a crescer em 2022.

SAIBA MAIS

■ Alguns setores foram mais impactados no último ano do que outro. O de hospedagem foi um deles. Segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis da Paraíba (ABIH-PB), Rodrigo Pinto, em dezembro do ano passado a taxa de ocupação chegou a 57,9%, índice menor do que o mesmo mês do ano anterior, que foi de 59,94%. Esse ano, a principal expectativa é que os números de contaminados reduzam para que o retorno às atividades sejam retomadas o mais breve possível.

Comércio virtual e redução de perdas

Nos últimos meses, jogue a primeira pedra quem não fez uso dos meios digitais para se alimentar, vestir, calçar, repor produtos domésticos, pagar conta ou presentear. Quem já era habituado a utilizar às facilidades tecnológicas, certamente aumentou a frequência, e quem não conhecia as ferramentas virtuais precisou se familiarizar para atender suas necessidades durante o isolamento social.

Neste período de pico do novo coronavírus, a orientação dos especialistas é se evitar ao máximo visitar as lojas físicas para pesquisar preço e adquirir produtos. Por isso, os meios digitais foram verdadeiros aliados do consumidor e comerciantes. O presidente da Federação do Comércio na Paraíba (Fecomércio-PB), Marconi Medeiros, afirmou que no último ano, os empresários tiveram que encontrar formas que atendessem à segurança da saúde dos trabalhadores e dos consumidores, sem prejudicar o funcionamento da economia.

E, para superar os obstáculos, houve a adoção das ferramentas digitais. "Muitos desafios foram superados por meios como as plataformas de vendas on-line e entrega de produtos e alimentos por delivery", frisou Marconi. Segundo ele, a Fecomércio trabalhou no sentido de alavancar as vendas no setor, oferecendo orientações e opções de vendas, principalmente, para as pequenas empresas.

Foi justamente as ferramentas on-line que

impulsionaram as vendas na loja de artigos para presentes do empresário Paulo Maia. Há 22 anos no Shopping Sul, na capital, ele conta que na pandemia passou a adotar o WhatsApp Business e também o Carrinho Virtual para alavancar o faturamento e oferecer alternativas práticas para o consumidor. O Carrinho Virtual, por exemplo, é uma plataforma de venda direta onde o cliente escolhe o produto e faz o pagamento com cartão de crédito. O pedido chega no e-mail do empresário, que faz a entrega. "Tivemos que investir em

tecnologia para tentar superar a perda do faturamento. Precisei fazer cursos e continuo me capacitando", frisou Paulo.

No ano passado, foram quatro meses com a loja D+Presentes fechada, e neste mês, o funcionário seguiu o decreto estadual, com o estabelecimento sem funcionar aos sábados e domingos. A ausência do cliente na loja física resultou em uma queda de 50% na receita. O comércio virtual consegue repor entre 20%

e 30% dessa perda, com esperança de alta nos próximos meses.

Se antes da pandemia, a venda física era a única forma de venda no estabelecimento, e as ferramentas digitais só eram usadas para divulgação do negócio, agora, o foco é no mundo virtual. "O que estamos aperfeiçoando não tem mais volta. Mesmo depois da pandemia, vamos manter a venda presencial, mas a virtual é que vai realmente impulsionar o mercado", finalizou Paulo.

Ausência da presença física dos clientes nas lojas resultou em uma queda de até 50% na receita de alguns estabelecimentos



Fotos: Fotos Públicas

O aumento do desmatamento no Brasil levou, já no ano passado, o Fundo Soberano da Noruega, o maior do mundo, a excluir do seu portfólio empresas brasileiras como a Eletrobrás e a Vale. Outros fundos podem fazer o mesmo

Fernanda Guimarães
Agência Estado

Deflorestamento afasta investidor e ameaça economia

Empresas brasileiras podem perder capital de fundos globais bilionários

Depois de organizarem um movimento de pressão contra o governo brasileiro no ano passado, fundos de investimento, estrangeiros afirmaram ao Estadão não terem visto avanços do país na defesa de uma pauta ambiental e na preservação da região amazônica. Com o mercado cada vez mais pressionado por investidores a considerar o tema na alocação de seus recursos, eles falam em um cenário de dificuldades para manter investimentos no Brasil. Exemplos de retirada de recursos começam a surgir:

O Fundo Soberano da Noruega, o maior do mundo, excluiu no ano passado Eletrobrás e Vale de seu portfólio e mencionou a necessidade de metas claras de redução de emissão de gás carbônico. Com a retirada de recursos do país, o fundo deixou claro que questões ambientais vieram para ficar na composição de métricas para aportes dos grandes fundos. Para especialistas, essa fonte de financiamento pode fazer falta para as empresas brasileiras.

Para o presidente do fundo norueguês Storebrand, Jan Erik Saugestad - executivo que em junho do ano passado liderou um grupo que enviou uma carta ao governo brasileiro cobrando medidas de proteção à Amazônia -, é preocupante a escalada do desmatamento e de incêndios em florestas no Brasil, mas também o aumento de denúncias de ataques a indígenas e a defensores de direitos humanos e do meio ambiente. "Essa combinação cria incertezas entre investidores sobre as condições de investir no Brasil", afirmou ele ao Estadão.

"Nosso objetivo é continuar a apoiar o crescimento econômico brasileiro como investidores, mas a tendência de aumento do desmatamento



Cada vez mais, grandes investidores globais têm exigido contrapartida ambiental das nações. O Brasil não tem feito o dever de casa, segundo eles

no Brasil torna cada vez mais difícil para empresas e investidores atenderem às suas ambições ambientais, sociais e de governança", comenta.

"Sem um compromisso significativo do governo brasileiro e das empresas para enfrentar as mudanças climáticas e o desmatamento, investir no país ficará cada vez

mais difícil", comenta o gestor do fundo de ações para países emergentes da Aviva Investor (seguradora inglesa e uma das maiores da Europa), Jonathan Toub.

O gestor acrescenta que não viu nenhuma melhoria significativa em relação ao desmatamento da Amazônia após a pressão dos fundos no ano

passado. À época, empresas e bancos de capital nacional também defenderam mudanças na política ambiental do país. "O retorno antecipado do monitoramento e fiscalização do Ibama é positivo, mas estamos preocupados com o financiamento para essas agências e o desmatamento continua sem parar."

Medidas efetivas

Conhecida como uma gestora focada em investimento sustentável, a holandesa Robeco diz que hoje o assunto desflorestamento se tornou um tópico obrigatório no momento em que se discute investimentos no Brasil. "Devido a nossa experiência em investimento sustentável, levamos em consi-

deração os desenvolvimentos da sustentabilidade em nosso processo de investimento ao avaliar se devemos comprar títulos soberanos ou ações locais listadas. Este tem sido um tema quente nas discussões sobre investimentos no Brasil, devido ao recente aumento nas taxas de desmatamento e também às dificuldades que o país enfrentou durante a pandemia", afirma a responsável por ativos no Brasil e demais países emergentes, Daniela da Costa-Bulthuis.

Dentre as medidas concretas que o país poderia dar nesse sentido, opina Daniela, estaria o comprometimento à tolerância zero ao desmatamento e alinhamento ao Acordo de Paris, tratado mundial que tem o objetivo de reduzir o aquecimento global. "Seria um bom ponto de partida. Sentimos falta de um plano de desenvolvimento sustentável de longo prazo para o país", diz.

O fundo nórdico Nordea também foi um dos fundos que assinaram a carta enviada ao governo brasileiro. Segundo o fundo, que possui 354 bilhões de euros sob gestão, a percepção é que a direção geral do governo não mudou. "Assim, não vemos até o momento nenhuma melhoria material em relação ao meio ambiente e à região amazônica", de acordo com o fundo, em nota enviada ao Estadão. O Nordea, afirma que há muitas oportunidades de investimentos no Brasil, mas admite que não está comprando mais títulos da dívida soberana brasileira - mas também não vendeu os papéis que possui.

Procurados, os ministros do Meio Ambiente, de Relações Exteriores e da Economia não se pronunciaram até o encerramento desta edição. Em nota, o Ibama disse que, "até o momento, também não vimos nenhum desses fundos escolherem áreas no programa Adote Um Parque para adotar".

Sem fundos, empresas enfrentarão vácuo

A mobilização global em torno da Amazônia colocou o assunto na pauta e trouxe à tona o fato de que o desmatamento ilegal é "o efeito colateral de gestão pública equivocada e perversa, que perpetua a pobreza e a ilegalidade", afirma o professor Jacques Marcovitch, professor emérito da Universidade de São Paulo (USP) e conselheiro consultivo da Fundação Amazonas Sustentável. Do ponto de vista econômico, ele lembra que o Brasil precisa de recursos estrangeiros e a saída de fundos globais do país pode criar um vácuo de financiamento para as empresas.

Qual é a percepção global em relação ao Brasil?

O Brasil é percebido como um Estado-nação que

assumiu compromissos, no âmbito regional da OTCA, no Pacto de Leticia para a Amazônia e no âmbito global do Acordo de Paris, que refletem o decidido engajamento brasileiro na questão ambiental. Do outro lado, lideranças políticas movidas pela 'cultura do confronto' têm agido na contramão destes compromissos. Declarações, portarias, decretos e instruções normativas do Ministério do Meio Ambiente, além de provocar o desmantelamento da governança do Fundo Amazônia, nutrem motivos para que o atual Governo Federal seja pressionado a honrar compromissos nacionalmente determinados e ratificados pelo Congresso Nacional. É inegável que a pressão internacional levou o atual governo bra-

sileiro a rever suas ações ou inações na Amazônia.

No ano passado, grandes fundos internacionais pressionaram o país por medidas para redução do desflorestamento. Houve alguma mudança desde então?

Uma das mudanças foi a recriação do Conselho da Amazônia, sob o comando do vice-presidente da República, general Hamilton Mourão. A mobilização pela redução do desflorestamento foi acompanhada por uma disseminação do conhecimento sobre a complexidade da Amazônia. Uma complexidade que demanda uma robusta governança, que integra os níveis federal, estadual e municipal, governo, academia, sociedade civil e Forças Armadas.

Trata-se de uma governança que concebe, viabiliza e avalia políticas públicas coordenadas por conhecedores da região, estratégias de longo prazo e um monitoramento centrado em métricas e indicadores.

Com esse movimento, o que se tornou mais claro sobre o tema?

Tornou-se evidente que o desmatamento ilegal é o efeito colateral da gestão pública equivocada e perversa, que perpetua a pobreza, a ilegalidade e o crime ambiental. Por isso, passou a ser defendida a transformação da Amazônia em um campo de legalidade, o que estimularia brasileiros e estrangeiros a investir em cadeias produtivas da bio-economia.

Quais efeitos econômi-

cos o Brasil poderá ter se os recursos de grandes fundos globais começarem a sair do país?

O Brasil, como todas as economias emergentes, precisa da poupança internacional para melhorar suas métricas de desenvolvimento. Se estes fundos saírem do país, será criado um vácuo para empresas que se capitalizam para cumprir suas metas de expansão. Não foi por outro motivo que uma mobilização de grandes bancos e empresas divulgou um documento em prol de melhor governança na Amazônia. Além do seu legítimo engajamento na melhoria dos padrões de sustentabilidade, estava o receio, também legítimo, de que estes grandes fundos riscassem o Brasil do seu mapa de investimentos.

Que tipo de ação o setor privado brasileiro poderia encabeçar para ajudar a reduzir o desflorestamento no país?

Os agentes econômicos, em todos os países, emergem como apoiadores relevantes na sociedade civil dos esforços de estados nacionais para mitigar as causas e efeitos das mudanças climáticas. Sendo a Amazônia uma referência global, é cada vez mais legítimo que o setor produtivo e o sistema financeiro se posicionem no combate ao desmatamento e a favor da preservação deste patrimônio ambiental da humanidade. Este olhar do empresariado sobre a Amazônia pode sinalizar o melhor caminho para a geração de empregos na região.



RAMIRO SOUSA

Técnico em novo desafio na carreira

Descobridor de talentos no futebol de base da Paraíba, profissional busca a sua afirmação no São Paulo Crystal

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Ramiro Sousa é um capítulo particular do futebol paraibano. Essa é a história de um trabalhador da bola, seja como jogador - atuando na lateral direita ou como o volante - que venceu cinco títulos estaduais pelo Botafogo em seus 25 anos de carreira profissional e ainda com passagens positivas por Confiança de Sapé e Santa Cruz de Santa Rita - ou como treinador de oito times da Paraíba (CSP, Miramar, Flamengo, Botafogo, Santa

Cruz, Esporte de Patos, Auto Esporte e agora o São Paulo Crystal), que estão marcados em sua trajetória profissional, conquistas, talentos descobertos e lapidados e o respeito de torcedores, atletas e dirigentes.

Prata da casa, sob todos os aspectos dessa expressão, Ramiro também representa uma série de estigmas, entre eles a baixa valorização das próprias agremiações futebolísticas do estado em relação aos profissionais paraibanos, que lutam por oportunidades nessas equipes tanto dentro quanto fora

de campo. Nesse sentido, ao persistir na função de treinador - agora assumindo o comando técnico do São Paulo Crystal - o ex-atleta e ídolo do Botafogo tornou-se também um canal de oportunidades para atletas que, como ele fez na década de 1980, sonham em vencer nos gramados paraibanos.

Sobre essa carreira caracterizada pela inabalável convicção no próprio esforço, a vontade de provar a sua capacidade, realizações e projetos futuros, entrevistamos Ramiro Sousa para esta edição de A União.

Foto: Elias Almeida



Ramiro Sousa já está treinando o São Paulo Crystal, que vai disputar, pelo segundo ano, o Campeonato Paraibano da Primeira Divisão

A ENTREVISTA

Ramiro, você ficou conhecido como um descobridor de talentos no futebol paraibano. Esse é também um dos objetivos desse seu novo trabalho no São Paulo Crystal?

Nesse meu percurso como treinador eu sempre tive e estou tendo entre os meus principais objetivos a revelação de novos atletas. Por onde eu passei sempre tivemos boas revelações como Anderson, Hélio Paraíba, Pingo, Peu, Jailton que hoje está fora do país, o próprio Soares que eu consegui trazer para jogar no CSP, Sapé e Sueliton, além de Walber e Djevan que passaram por nós no Botafogo e hoje estão jogando a Série B por Náutico e Cuiabá, e Marquinhos que foi da base do Botafogo e está na Tombense. Enfim, uma gama de atletas que a gente sempre tem essa preocupação de trabalhar e passar às equipes profissionais ou para outros times fora do estado e até do exterior. Isso para mim é motivo de felicidade, fico gratificado em ter trabalhado com esses jogadores que pude ver crescer, amadurecer e hoje vejo seguindo suas carreiras como atletas profissionais.

Você acabou de sair do Botafogo e, nitidamente, esse encerramento de vínculo, nos bastidores ficou entendido como algo que não foi da forma como você esperava, especialmente por ter sido algo que ocorreu de forma abrupta. O que houve nesse processo e o que faltou por parte da equipe em relação a você?

Minha saída do Botafogo já passou, prefiro agora falar do futuro. Qualquer questão que tenha ocorrido é algo que ficou para trás, tenho um respeito e carinho enorme pelo clube que foi fundamental na minha vida como atleta e também na carreira de treinador. Prefiro guardar os bons momentos como aquele jogo em 2017 contra o Sampaio Correa, onde a única opção era vencer e nós conseguimos ajudar a equipe a permanecer na Série C.

Agora você está em um novo desafio no São Paulo Crystal, onde a equipe entra para sua segunda temporada na primeira divisão estadual sendo apontada como uma das concorrentes ao rebaixamento. É só isso que podemos esperar do time ou a expectativa de vocês é maior em relação ao campeonato? Qual o projeto que foi apresentado para você?

Estou tendo agora uma nova oportunidade em outro clube e agora é só falar do São Paulo Crystal, uma equipe nova no cenário paraibano e que nos apresentou um grande projeto, não só para a base. Já estamos fazendo um grande trabalho com profissionais muito qualificados, onde sempre buscamos essa integração com os jogadores da base e os do profissional, pois é assim que buscamos revelar esses novos atletas. O São Paulo Crystal é uma equipe que possui objetivos claros. Vamos em busca de crescimento no cenário estadual, de vagas de classificação às competições nacionais para que o clube possa despontar também para o país. A meta é buscar uma boa classificação já nessa temporada, quem sabe brigar por vaga na Série D. Então são esses

/// Minha saída do Botafogo já passou, prefiro agora falar do futuro. Qualquer questão que tenha ocorrido é algo que ficou para trás. Tenho carinho pelo clube ///

Foto: Divulgação/Botafogo



Ramiro tem uma história brilhante no Botafogo como técnico e jogador

os pensamentos do clube que está se estruturando e logo veremos essa equipe despontando no cenário nacional, pois é um clube que está investindo bastante, especialmente na base. Em breve passaremos a ter uma alojamento para 80 garotos, algo inédito na Paraíba e que possibilitará a atração de valores de várias cidades do estado e de fora dele. Enfim é um projeto grande que visará o fortalecimento do clube da base ao futebol profissional.

Ramiro, notadamente, você foi um jogador de sucesso e um treinador com um começo de carreira promissor, especialmente no tempo do CSP, no entanto, depois do Tigre, você não conseguiu engatar uma série grande em clubes como técnico, voltando agora a trabalhar no São Paulo. Como você avalia essa sua carreira e as opções de trabalho que você abraçou nesses anos, por exemplo, tendo ficado tanto tempo como funcionário do Botafogo?

Foto: Lucas Barros



No Centro Sportivo Paraibano, Ramiro fez um excelente trabalho de base

Eu sempre digo que sou uma pessoa abençoada por Deus em ter começado a minha carreira como treinador na base do próprio Botafogo, depois fui trabalhar no CSP onde passei cerca de nove anos revelando mais de 30 atletas que hoje se encontram, em sua maioria, ainda em atividade. No próprio CSP tivemos muitas vitórias, conseguimos subir para a primeira divisão estadual, fomos logo em seguida vice-campeões, obtivemos várias participações na Copa São Paulo de Futebol Júnior, sempre representando bem o estado. Depois no Auto Esporte conseguimos levar o clube de volta para uma Copa do Brasil e o título da Copa Paraíba. No Miramar, Santa Cruz de Santa Rita e pelo Flamengo Paraibano tivemos acessos para a primeira divisão estadual e também uma boa passagem pelo Esporte de Patos em 2009. Enfim, tenho tido uma carreira muito gratificante e positiva como treinador e sigo agora buscando sempre ser um técnico que visa ser vitorioso por onde passa, buscando a competitividade, o trabalho sério e o crescimento das equipes. Agora não será diferente, pois o foco é o São Paulo Crystal e o projeto ambicioso que o clube possui para os próximos anos.

Foto: Instagram/SPCrystal



Ramiro Sousa quando de sua apresentação aos jogadores do SP Crystal

E da carreira como atleta, quais os momentos que você guarda e de que forma essa experiência segue sendo importante no seu dia a dia?

Como atleta eu iniciei com 12 anos dentro do Botafogo, passei por todas as categorias da base até chegar no profissional, sempre sendo campeão nelas. Depois, muito cedo, com 16 anos cheguei no time principal onde consegui cinco títulos paraibanos no clube, ainda tive passagens vitoriosas no Confiança de Sapé e Santa Cruz, passagens que me orgulham demais como atleta pelas oportunidades. Depois, retornei ao Botafogo onde encerrei minha carreira em 2000, fechando um ciclo de 30 anos dentro do futebol como jogador, sendo 25 como profissional. Logo em seguida comecei a minha carreira de técnico que já vai com mais de 13 anos de trabalho, sempre buscando melhorar e carregando comigo esse acúmulo de experiência de vida que sempre busco passar para os atletas por onde passo.

Rodrygo

o sonho de disputar o Mundial do Catar

Atacante também espera conquistar a Champions League pelo Real Madrid

Enquanto um lateral direito de 27 anos se preparava para enfrentar o enigma indecifrável que era Neymar em 2012, ele levou um tapinha no ombro, girou e recebeu alguns conselhos. Não de seu treinador do Mirassol ou de um dos jogadores mais importantes da Seleção Brasileira da quarta divisão, mas de seu filho de 11 anos.

Alguns anos depois, aquele mentor em miniatura era o companheiro de equipe de Neymar na Seleção Brasileira que deu início às eliminatórias para a

Copa do Mundo da Fifa Catar 2022 com uma vitória de 5 a 0 sobre a Bolívia. A ascensão de Rodrygo, de fato, imitou seu apelido, 'O Rayo'.

O atacante quebrou recordes para o Santos, incluindo se tornar o mais jovem brasileiro a marcar na Copa Libertadores, antes de assinar pelo Real Madrid aos 17 anos. Ele marcou seu primeiro gol para o Los Blancos um minuto após sua estreia e, em sua estreia na UEFA Champions League, em novembro de 2019, tornou-se o

mais jovem brasileiro a marcar na competição e o segundo jogador mais jovem a registrar um "hat-trick" depois Raul.

O site Fifa.com conversou com Rodrygo para discutir suas aspirações para a Copa do Mundo, a aposta do Real Madrid pela glória doméstica e continental, Neymar, Casemiro, Karim Benzema e muito mais.



A entrevista

Rodrygo, corre-se o boato de que o lateral direito do Mirassol recebeu dicas especiais antes de marcar o Neymar do Santos...

(risos) Eu estava nas categorias de base do Santos, então assistia a todos os jogos do Neymar. Já tinha visto tantos movimentos diferentes que ele fazia e sabia como era difícil marcar o Neymar. Eu tinha apenas 11 anos, mas falei pro meu pai tomar cuidado porque o Neymar faria esse lance e cuidado porque ele faria esse truque. Meu pai tinha um bom jogo, então talvez as dicas do garoto não fossem tão ruins!

Quem foram seus ídolos crescendo?

Sempre gostei do Neymar, do Robinho, do Cristiano Ronaldo, mas meu maior herói foi meu pai. Eu adorava assistir ele jogar. Fiquei triste quando nos separamos por causa do futebol, mas às vezes mudávamos de cidade para ficar com ele. Isso parou quando entrei no Santos.

O que você acha do Neymar?

Um gênio absoluto como jogador de futebol, um jogador único. E ele é uma pessoa incrível. No pouco tempo que estivemos juntos, ele foi uma influência sensacional para mim.

Quanto você sonhou em jogar uma Copa do Mundo?

Desde que entendi o que é futebol, tenho sonhado em jogar uma Copa do Mundo. A Copa do Mundo no Brasil é algo incrível. Lembro-me de ser jovem e de ver as ruas pintadas com as cores brasileiras. Você reúne toda a família para assistir aos jogos, todos torcendo fanaticamente pela Seleção. São ótimas lembranças. Agora quero ser um daqueles jogadores que estava assistindo. O Brasil tem tantos grandes jogadores, então há muita competição, mas todos os dias estou fazendo todo o possível para que isso aconteça. Desde que me tornei profissional aos 16 anos, sempre ouvi tudo o que meus treinadores disseram, tentei absorver os conselhos e aprender com meus companheiros de equipe. Agradeço a todos por me ajudarem a chegar onde estou, mas vou continuar tentando e aprender, melhorar para realizar meu sonho de Copa do Mundo.

Chutar bem com perna direita ou esquerda e jogar em algumas posições pode ajudá-lo. É um talento natural ou algo em que você trabalhou?

Acho que tinha uma aptidão natural, mas era mais por causa do meu pai e muita prática. Desde pequeno meu pai me fazia chutar com os dois pés, controlar a bola com os dois pés. Treinei muito com o pé mais fraco e dia a dia fiquei mais com os dois pés.

Além do Brasil, quem você acha que tem mais chances de vencer o Qatar em 2022?

(Pausa) Acho que Espanha ou França. Eles têm equipes muito fortes. Portugal também está a construir uma equipa muito boa.

Você mencionou que Ronaldo era um ídolo seu. Em meados de 2018, Madrid contratou você e o vendeu. Você se arrepende de não ter tido a chance de jogar ao lado do Cristiano?

Não. Estou muito feliz por ter realizado um sonho e estar aqui no Real Madrid. Olha, sempre acompanhei a carreira do Cristiano, vi ele fazer maravilhas pelo Real Madrid, e teria sido ótimo jogar ao lado dele, mas estou muito feliz por estar vivendo o sonho de ser um jogador do Real Madrid.

O que você acha do Casemiro?

O Casa é um fenômeno. Ele é um cara que me ajudou muito desde que cheguei aqui. Ele é uma pessoa maravilhosa. Eu já o tinha visto jogando na TV e achei que ele era um jogador incrível, mas ele é ainda melhor do que eu pensava. Casemiro é sem dúvida o melhor meio-campista do mundo.

Você esteve em chamadas na Liga dos Campeões. Você deve estar encantado com seu desempenho na competição?

Sem dúvida. Felizmente, em todos os jogos que fiz na competição, tenho conseguido marcar um gol, fazer uma assistência ou jogar bem e ajudar meu time. Estamos satisfeitos por chegar às quartas de final, mas nossa meta é vencer a final. Não somos os favoritos este ano, mas acredito que podemos ganhar a Champions League.

O próximo será Liverpool...

Quanto mais você avança nessa competição, mais difícil ela se torna. Nesta fase todas as equipes são muito fortes e o Liverpool é uma delas. Com certeza serão dois grandes jogos, muito equilibrados. Real Madrid e Liverpool são sempre um grande jogo entre dois gigantes tradicionais do futebol mundial. Lembro-me bem da final de 2018, assisti e mesmo assim torci muito o Real. Foi uma final especial e memorável.

Você acredita que vai ganhar o título espanhol?

Sem dúvida. Há muitos pontos pelos quais jogar. Estamos trabalhando muito duro. É sobre sair correndo. No ano passado estivemos atrás do Barcelona, mas juntamos uma série de vitórias e conquistamos o título. Precisamos fazer o mesmo novamente. Essa equipe tem muita luta e temos muita qualidade. Acho que as coisas estão dando certo na hora certa e que temos uma grande chance de sermos campeões.

O Madrid enfrenta o Barcelona no dia 11 de abril. Como é encarar o El Clásico?

É uma sensação incrível. Cerca de uma semana antes do jogo você começa a sentir isso. É um jogo que qualquer pessoa que gosta de futebol sempre sonhou em jogar. O mundo o assiste. É incrível jogar em um jogo dessa magnitude.

Quem você acha que é o melhor jogador do mundo?

Benzema. Ele é um jogador excepcional. Ele está tendo uma temporada incrível, ele teve uma temporada incrível no ano passado, e ele teve várias temporadas incríveis em sua carreira. Jogar ao lado dele é uma grande honra. Eu realmente gosto de poder fornecê-lo com passes. Seu acabamento é magnífico. Ele é um cara muito legal também.

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Gosto de passar o tempo com minha família e amigos, sair para jantar, jogar ukulele, jogar tênis de mesa e basquete. Eu também gosto de assistir a NBA. Sou fã de Stephen Curry, Kevin Durant, Lebron [James].



Clubes paraibanos terão prejuízos com eliminações

Botafogo e Treze vão perder, cada, R\$ 300 mil de cota se não alcançarem a segunda fase da Copa do Nordeste

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Sem contar com as receitas das rendas dos jogos, por causa da pandemia do coronavírus, Treze e Botafogo, que já terminaram o ano de 2020 com muitas dívidas, resolveram partir para o enxugamento de despesas e adotaram a filosofia do bom e barato, na formação do elenco para as disputas da temporada 2021. As consequências dessa falta de investimento começam a aparecer na Copa do Nordeste, no confronto contra os clubes de outros estados da região. As campanhas dos dois clubes na competição são muito ruins e ambos dificilmente conseguirão a classificação para a fase seguinte.

Após 5 rodadas da Copa do Nordeste, o Treze está em uma situação menos ruim do que o rival Botafogo (os dois se enfrentam pela sexta rodada). Nos 5 jogos que disputou, o Treze ganhou um, empatou um e perdeu 2. O Galo é o penúltimo colocado do grupo A, com 5 pontos em 5 jogos. Um aproveitamento de apenas 33,3 por cento. Já o Botafogo também disputou 5 jogos e não conseguiu sequer uma única vitória. Foram 4 empates e apenas uma derrota. O clube tem 4 pontos e é o penúltimo colocado do grupo B, com um aproveitamento de apenas 26,7 por cento.

A competição regional entra na reta final e dos 16 clubes atuais, apenas 8 seguirão para a segunda fase. Só restam 3 jogos, dos quais um é um confronto direto entre as duas equipes. Diante do quadro, é possível afirmar que dificilmente a fase seguinte da Copa do Nordeste terá um clube da Paraíba. Um resultado mui-



Ano passado, os dois fizeram um jogo histórico pela Série C, e este ano ambos estão indo novamente mal na Copa do Nordeste

to ruim para um estado, que já teve o Campinense campeão no ano de 2013, vice em 2015 e o Botafogo vice-campeão em 2019.

O Treze começou a participação, dando a impressão que iria chegar bem longe na competição, com um empate em 1 a 1 com o CSA, em Maceió. Depois, o Galo venceu o Altos em Campi-

na Grande e empatou com a forte equipe do Fortaleza, dentro do Ceará. Porém, no confronto contra o ABC, dentro de casa, perdeu por 2 a 0. No último jogo, contra o Salgueiro, desta vez no Sertão Paraibano, nova derrota, por apenas 1 a 0, resultado que fez o clube despencar na tabela de classificação.

Já o Botafogo é o rei do

empate. Foram 4 até agora: 0x0 4 de Julho, 1 a 1 com o Bahia e 1 a 1 contra o Sampaio Corrêa no Almeidão, além de derrota para o CRB, por 2 a 1, em Maceió, e novo empate em 1 a 1 com o Ceará em João Pessoa. As campanhas ruins de Treze e Botafogo não afetam apenas o prestígio dos clubes e do futebol paraibano, mas também po-

dem ter efeito negativo financeiro. Com os cofres falidos, se ambos não conseguirem a classificação para a próxima fase, perderão uma premiação de R\$3000.000,00. Desta forma, o Galo sairia da Copa do Nordeste, com apenas R\$640 mil, referente a participação, na primeira fase, das equipes de pior colocação no Ranking Nacional de Clubes.

No caso do Botafogo, por pertencer a um nível melhor do Ranking Nacional de Clubes, a premiação como participante na 1ª fase chega a R\$1.290.000,00. Se não vencer o Galo na sexta rodada e seguir numa sequência sem vitórias, o Belo não vai se classificar e deixará de receber, a exemplo do Treze, uma premiação de R\$300.000,00.

Futebol sertanejo

Times seguem ansiosos para dar a volta por cima

Iago Sarinho

iagosarinho@gmail.com

O Estadual de 2021 ainda não começou, mas cresce a expectativa pelo desempenho das equipes sertanejas. Sem títulos desde 2009 - ano em que o Sousa venceu pela última vez o Campeonato Pa-

raibano - o futebol do Sertão da Paraíba vem amargando mais de uma década sem conquistas após três triunfos no Certame na década de 2000. Com torcedores apaixonados e grandes rivalidades, o futebol sertanejo conta, atualmente, com três representantes na elite do

esporte do estado, são eles: Atlético de Cajazeiras, Sousa e Nacional de Patos. Equipes que, para essa temporada, seguem realizando amistosos e buscando novos reforços para tentar romper com a série de insucessos dos clubes da região ao longo dos últimos 12 anos.

Para essa temporada, tendo que conviver com as dificuldades orçamentárias - inerentes ao futebol do interior de um estado já marginalizado no contexto do futebol nacional - e ainda mais agravadas pela pandemia da covid-19 que acabou com uma das principais receitas dos clubes, justamente a bilheteria dos jogos, os clubes sertanejos têm apostado, com exceção do Sousa, no modelo de terceirização dos departamentos de futebol, o Nacional através da parceria com a FDA Sports - empresa que atuou sem sucesso no Campinense em 2020 - e o Atlético, que rompeu com a H9 Soccer e agora recebe a colaboração da Tallentus Sport Agency, empresa de João Pessoa criada apenas em novembro do ano passado.

Na contramão dos rivais, o Sousa tem buscado novamente montar uma equipe competitiva para o Estadual,

mas tem passado por grandes dificuldades na contratação de atletas, especialmente por ter sido uma das duas últimas equipes, ao lado da Perilima de Campina Grande, a se movimentar no mercado. Mesmo assim, a expectativa sob o "Dinossauro" é grande, afinal, a equipe, pelo desempenho no Estadual do ano passado, quando ficou na quarta colocação, acabou garantindo vaga para a Série D deste ano e, diferente dos seus adversários sertanejos, terá calendário cheio em 2021.

No entanto, nem mesmo o calendário cheio é algo que possa garantir a qualidade na montagem do time ou bons resultados no Estadual. Um exemplo disso é o próprio Atlético que no ano passado disputou a Série D e acabou eliminado na primeira fase da competição nacional e também do Paraibano, além disso, para esse ano ainda acabou tendo uma mudança

em sua diretoria que criou um vácuo financeiro no clube responsável pela chegada das empresas na gestão do futebol da equipe que, no último final de semana, após uma reformulação completa em seu elenco, com a dispensa de mais de dez atletas e a chegada de outra dezena de jogadores, venceu o Sabugy por 2 a 0 em amistoso realizado no último domingo (21).

A situação do Nacional de Patos não chega a ser muito diferente da de seus rivais, tanto é que o time precisou aderir também ao modelo de terceirização de seu departamento de futebol, mas, ao menos até o momento, dentro de campo, a pré-temporada tem sido positiva para a equipe comandada pelo técnico Warley Santos que não perdeu nenhuma partida nos quatro amistosos disputados, vencendo três jogos, com destaque para o triunfo diante do Afogados de Ingazeira-PE por 4 a 2.



Foto: Instagram/Sousa

O Sousa já realizou alguns amistosos e dos clubes sertanejos é quem tem o melhor retrospecto no Estadual



Durmeval e a moderna educação

Professor foi o primeiro reitor da UFPB e construiu legado com defesa do ensino público universal e democrático, na Paraíba e no Brasil

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Dedicado à educação, pesquisa e sobretudo à democratização do ensino no Brasil, o mato-grossense Durmeval Trigueiro Mendes, construiu sua carreira na Paraíba e é um dos grandes intelectuais da história nacional. No seu currículo, são várias as formações acadêmicas. Era bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito do Recife, cursou letras clássicas na Universidade Católica de Pernambuco e também Filosofia no Seminário Arquidiocesano de João Pessoa.

Considerado por muitos pesquisadores como o primeiro reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o intelectual exerceu a função no final da década de 1950 e lá permaneceu por cerca de um ano. O historiador José Octávio de Arruda Mello esclareceu, porém, que o posto de primeiro reitor foi ocupado pelo então governador José Américo de Almeida, que acumulou as duas funções.

No início dos anos 50, o educador foi designado pelo governador José Américo de Almeida para ser secretário de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, onde teve a missão de organizar a Universidade da Paraíba (atual Universidade Federal da Paraíba), criada em dezembro de 1955.

José Octávio relembra que quando José Américo assumiu a reitoria, quem manejava, na verdade, a universidade já era Durmeval. "José Américo ocupou a cadeira simbolicamente, somente por cerca de três meses. Em seguida, Durmeval assumiu a reitoria", frisou José Octávio. Foi em 1956, que o Conselho Universitário escolheu Durmeval como reitor.

Ao longo da carreira, o mato-grossense foi professor do Ensino Médio da disciplina de Francês, em Campina Grande, lecionou Sociologia da Educação, na Faculdade de Filosofia da Paraíba, e assumiu alguns cargos públicos. Ao deixar a reitoria, passou vários meses viajando pela Europa, conhecendo o sistema educacional de países como a França e a Alemanha.

No final da década de 50, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde assumiu o cargo de supervisor da Campanha de Educação Complementar, no Ministério da Educação e Cultura (MEC). O convite veio por meio de Anísio Teixeira, que era diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). A partir de então, Durmeval se estabelece na Cidade Maravilhosa tornando-se, em 1965, um dos professores da Universidade do Estado da Guanabara (UEG) - atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Anísio Teixeira, um dos grandes educadores do país na época e difusor da Escola Nova, defendia o ensino público gratuito, laico e obrigatório. Durmeval Trigueiro, por sua vez, tinha a mesma linha de pensamento de Anísio Teixeira, sendo um dos seus principais seguidores. "Durmeval era o maior discípulo de Anísio Teixeira", declarou José Octávio.

Segundo o historiador, o ensino brasileiro naquele tempo tinha forte influência da Igreja Católica, era o chamado ensino confessional, e Durmeval lutou para modernizar a educação no país. "Ele ajudou a reorientar o ensino, pois era defensor de uma educação pública universal e democrática", disse Mello.



Ilustração: Miguel Falcao



Foto: Arquivo Jornal A União

A União registrou transmissão de cargo da UFPB

Biografia de um quase paraibano

No livro "Durmeval Trigueiro", de Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Osmar Fávero (domínio público) consta que Durmeval Trigueiro era natural de Cuiabá (MT). Nascido no dia 9 de fevereiro de 1927, transferiu-se para João Pessoa ainda criança. Aos 12 anos, ingressou no Seminário Arquidiocesano de João Pessoa, no qual fez o curso secundário e o curso de filosofia, concluídos em 1946.

Tinha apenas 24 anos quando iniciou sua vida pública, exercendo o cargo de secretário de educação da Prefeitura Municipal de Campina Grande. A partir daí, outros cargos vieram. Seus primeiros textos publicados datam de 1956, quando escreveu nove artigos sobre o ensino primário na Paraíba e dois sobre a universidade, no Jornal A União. O discurso pronunciado na transmissão do cargo de reitor da Universidade da Paraíba ao ministro José Américo de Almeida, em 1956, também foi publicado no Jornal A União e, em 1988, foi reproduzido no opúsculo Concepção do educador e da universidade, em edição da Universidade Federal da Paraíba.

Família - Durmeval casou-se em 1965 com Maria Márcia de Barros Lima. Da união, nasceram os filhos André (1966) e Daniel (1968). Os pais do educador eram João Mendes da Silva e Souza e Maria da Conceição Castelo Branco Mendes de Souza.

Um educador e pesquisador sem fronteiras

No Rio de Janeiro, pouco antes do golpe militar de 1964, Durmeval Trigueiro Mendes foi indicado para integrar o Conselho Federal de Educação (CFE), onde permaneceu até 1969. Na função, suas propostas e pensamentos na área educacional, muitas vezes, foram votos vencidos.

Em 1968, ficou encarregado de elaborar um Plano de Reestruturação da Universidade do Estado da Guanabara (atual Universidade do Rio de Janeiro). Neste período, recebeu convite para prestar depoimento na Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados, destinada a investigar as condições do Ensino Superior no país. Suas atitudes e pensamentos, porém, não agradaram os militares.

O livro "Durmeval Trigueiro", de Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Osmar Fávero, mostra que, em setembro de 1969, em pleno regime militar, Durmeval Trigueiro Mendes, em decorrência do Ato Institucional n. 5 (AI-5) foi caçado e aposentando compulsoriamente de todas as funções públicas.

Mas, a partir de 1970, ele começou a trabalhar no departamento de educação da PUC-Rio, respondendo pela coordenação da área de concentração de Planejamento Educa-



Durmeval e a esposa Maria Márcia, com o filho André Trigueiro, jornalista da TV Globo e palestrante

cional no mestrado em educação. "A presença desse pensador/educador, durante mais de quinze anos, na PUC-Rio, foi de grande valia para professores e alunos, pela sua forma de entender o pensamento educacional brasileiro, por sua nova concepção de planejamento educacional", registraram os autores do livro.

Foto: Reprodução/facebook.com

Em 1971, o educador e pesquisador atuou como membro da equipe da Enciclopédia Mirador Internacional - Encyclopaedia Britannica do Brasil, na área de filosofia, e elaborou o projeto de reestruturação dos cursos de pós-graduação do departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Em 1972, aos 45 anos, sofreu um derrame cerebral seguido de afasia. Apesar desse problema, seu trabalho na PUC foi mantido com a ajuda de outros colegas professores. Dois anos depois, recuperado parcialmente, Durmeval reassumiu suas funções na PUC-Rio e passou a atuar como professor pleno e membro do Conselho de Coordenação na FGV/lesae.

Em dezembro de 1987 ele morreu, deixando um legado inestimável na área da educação. "Ele era um homem de grande prestígio e uma figura do plano nacional. Foi, inclusive, representante da Unesco no Brasil", destacou o historiador José Octávio de Arruda Mello. Homenagem - Em 1988, Durmeval Trigueiro Mendes recebeu diploma de doutor Honoris Causa (post-mortem) da Universidade Federal da Paraíba e de professor emérito (post-mortem) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

José Soares Madrugua

Da máquina de escrever à tribuna da Assembleia



Com modo tranquilo e espírito de liderança, comentarista passou a ser protagonista na política paraibana ao se eleger deputado por três vezes

Hilton Gouvêa hiltongouvearaju@gmail.com

O homem baixinho, de terno branco e olhos azuis subia ligeiramente os degraus da Rádio Correio da Paraíba...

"Madruguinha era assim. Apesar de ser o braço direito do então deputado e empresário Teotônio Neto..."

José Octávio assegura que o prestígio de Madrugua e sua liderança eram marcas reconhecíveis desde a adolescência...

morte, Madrugua foi merecidamente reconhecido em sua terra natal. "A rua onde ele morava, em Itaporanga, se chamava Epitácio Pessoa..."

Não falava muito. Sentava à máquina de escrever, disfarçava habilmente sua condição de dedilógrafo...

Martinho Moreira Franco (in memoriam) costumava agradecer, afirmando: "Rascunho de Madrugua é como perna de cobra: quem avistar, morre".

Madruguinha era assim. Apesar de ser o braço direito do então deputado e empresário Teotônio Neto...

que sua coluna conquistara a fama de um oráculo. No Jornal Correio da Paraíba, onde veio substituir, na direção, o promotor de justiça Ivaldo Falcone...

Textos e comentários incrementaram participação na política

Ao encarar o jornalismo profissional, na década de 1960, trabalhou como redator em "A Tribuna do Povo", posteriormente no diário "A Notícia"...

Em 1982, alcançou uma participação estratégica na disputa entre Mariz e Buriiti para o Governo Estadual. Foi presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba...

Em artigo intitulado "Aos Mestres Carinho", publicado na Internet por ocasião do trigésimo aniversário da morte de Madrugua...

"Era pessoa muito afável e agradável. Certa vez decidiu, com apoio de Teotônio Neto, comemorar a inauguração da Rádio Correio da Paraíba (1968) com um show..."

Natural de Itaporanga, Madrugua buscou um de seus maiores sonhos: tornar-se o sucessor político de Wilson Braga e Jonas Leite Chaves...

Thomaz, Anco Márcio, Iedo Ferreira - com o programa policial "Patrulheiro Montilla -, e, entre outros, Marcônio Edson..."

O nascimento de José Soares Madrugua ocorreu na Fazenda Cardoso, em Itaporanga, no sertão paraibano, a 426,9 Km de João Pessoa, no dia 25 de dezembro de 1930...



José Soares Madrugua (direita) ao lado do padre Fernando Abath, funcionários e convidados durante o corte da fita que marcou a inauguração do Rádio Correio

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Estamos exaustos: e nossos sonhos refletem isso

Como alguém que gosta de se manter (bem) informada, costumo participar de vários e diferentes grupos em aplicativos de mensagens...

Para onde olho, há excesso de fatos e de mortes provocadas pela pandemia. Estou exausta, admito! Como jornalista que atua em um hospital que recebe pacientes contaminados pela covid-19...

Quero interagir com colegas, amigos e familiares nos grupos, mas queria mesmo era poder dormir. Não consigo. O sono não vem. Quando chega, é com atraso. Pior: mais que o deus Hípanos, predomina Morfeu...

A revista Quatro Cinco Um, aliás, abordou esse tema com a matéria "Sonhos confinados" (em sua edição de número 33). Na reportagem, é citado o livro "Sonhos no Terceiro Reich", da jornalista alemã judia Charlotte Beradt...

coletado mais de 300 sonhos de pessoas (bem) informadas, que vivenciavam a ascensão do nazifascismo, a autora constata que a luta política é travada não apenas na arena pública...

No prefácio da edição brasileira, o psicanalista Christian Dunker propõe que os sonhos "ressoam e testemunham como a falta de sentido experimentada na vida social ordinária era tratada pela falta de sentido dos sonhos". Desse modo, conforme a revista, os sonhos cumprem uma função protetora, ainda que desagradável...

Publicada em maio de 2020, a matéria da Quatro Cinco Um cita um estudo realizado por um grupo de pesquisadores e psicanalistas de Belo Horizonte-MG, o qual surgiu na esteira da perspectiva exposta por Charlotte Beradt...



A revista (e não apenas a reportagem) traz trechos de sonhos coletados pelos pesquisadores. Como Pepe, 19 anos: "Sonhei que diversas pessoas (pareciam 'walking dead') tentavam entrar pelos muros das casas..."

E você, como tem dormido nessa pandemia? Como tem sonhado? Como tem se informado? Confesso: as mensagens, não necessariamente notícias, que me chegam pelos aplicativos tiram minha paz...

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Precocidades no Universo Musical

A precocidade é uma característica presente em qualquer atividade da vida humana, consistindo no amadurecimento mental ou intelectual antes do tempo normal ou previsto...

O tema nos foi sugerido pela nossa percepção e pelo apego auditivo à obra de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) que, nos seus poucos 35 anos de vida, nos legou páginas imortais de sua precocidade musical...

• Joselito (José Jiménez Fernández, Espanha, 1943) - cantor e ator mirim espanhol, é considerado uma das vozes mais marcantes do século passado...

No mundo pop, destacamos alguns hits que embalarão os sonhos auditivos de uma juventude que sabia apreciar os talentos precoces: Rita Pavone (Turim/Itália, 1945) - embora tenha se apresentado como cantora mirim ainda na primeira infância...

apresentou-a ao mundo pop, após vencer, aos doze anos, um concurso em Montego Bay; Michel (Joseph) Jackson (Gary, 1958 - Los Angeles 2009) - desde criança, sob o olhar e a batuta severa do pai, com os irmãos liderou vocalmente os Jackson 5...

Surubim, 1904 - Recife, 1997): Olinda, cidade eterna; Recife, cidade lendária; Igarassu, cidade do passado - as duas primeiras de 1950, com participação de nossa Orquestra Tabajara...





Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Além da comida

Neste momento que estamos passando, não se pode manter distância com seu cliente, seja qual for a maneira.

As maneiras com as quais você não pode deixar é mostrar que você ainda existe, que tem algo em especial para ele consumir, mesmo com pouco tempo e horário reduzido. Mas como posso fazer isso?

As redes sociais são muito fortes para deixar sua marca não morrer. Se sua rede social está parada, sem divulgação, fará com que aquele cliente que entre para visitar sua página ache que você parou no tempo, e ainda está vivendo pior que pandemia.

Muitas empresas têm bancos de dados de clientes com fidelidade. Aproveita e manda mensagens falando das novidades, que você está fazendo como entrega grátis e com um diferencial que antes não tinha, veja a forma de abordar e criar novos clientes para seu negócio neste momento, principalmente com preços atrativos.

A empresa que tiver uma ligação boa com o cliente sairá bem neste momento difícil. Trabalhe com o sentimento e o emocional

de seu cliente. Mexa com divulgações que lembre algo, ou mesmo desejo. Procure o influenciador certo que mostre a realidade do seu produto, não só uma simples divulgação de recebido em sua casa.

Existem público e clientes para cada área gastronômica e cada segmento de negócio. Mas é necessário encontrar quem vai ter a cara, a simplicidade e que venda seu produto de verdade.

A época que estamos vivendo creio ser a mais difícil de todos os tempos, e se em época boa não se pode errar, hoje não se permite escorregar um pouco no erro, pois você perde clientes.

Reveja seu cardápio, sempre toco nesta tecla, mas também é importante rever seu preço, sempre toco nesta tecla. Pois é daí que você vai buscar sua conta no final do mês para não fechar no vermelho.

Procure as vendas coletivas em grupos de condomínios dando-lhes um melhor valor para uma quantidade maior, é um método de uma mão lava a outra, gira um ciclo de negócios e voltar até ao cliente fidelidade.

Mostre, por meio de fotos e vídeos nas suas redes sociais, sua higiene e segurança, para que o vírus não chegue na casa deles na hora do delivery. Quem são seus funcionários e quantos são suas famílias. Faça com que seu produto não chegue amassado, virado, abarrotado na hora da entrega, procure melhorar todos os dias e demonstre isso. Veja uma forma de seu cliente avaliar seu delivery.

Tenha uma ligação direta com seu cliente, responda a todos nas redes sociais e em mensagens, seja cordial, pois o cliente sempre terá razão, mesmo você estando certo procure corrigir e não perca seu cliente.

Está difícil, mas é um momento de se adaptar novamente a situação a qual estamos vivendo, estreite seus relacionamentos de negócios. E não esqueça que todo negócio para se ter sucesso precisa ter investimento e seu investimento será primordial neste momento, pois você não poderá errar. Sorte e sucesso!



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Ceviche de Banana

Ingredientes

- 1 banana da terra grelhada em uma frigideira
- 1 tomate bem picado sem pele e sementes
- 1/2 cebola cortada ao 1/2 e bem finas
- 1/2 laranja com seu suco
- 1/2 limão com seu suco
- 1 colher de sopa azeite extra Virgem
- Decoração de sua preferência.

Modo de preparo:

- Em um recipiente, coloque todos os ingredientes já cortados sem a banana e acrescente a parte líquida e misture bem de leve deixando por volta de 10 mim. Em seguida, coloque as bananas em um copo ou uma taça e acrescente o preparo que estava em descanso dos 10 mim e sirva. Para uma porção maior, pode dobrar essa quantidade.

QUENTINHAS

SuperFácil João Pessoa
Com mais de 5.000 m² de área de vendas, o SuperFácil João Pessoa contará com área de frutas e verduras, 26 check-outs e 426 vagas de estacionamento. A loja, que trabalhará atendendo tanto atacado como varejo, está sendo construída no encontro entre a rua Diógenes Chianca e a Avenida Hilton Souto Maior.

O SuperFácil será abastecido por 12.000 m² de painéis de energia solar e receberá ainda uma ampla central de serviços bancários e praça de alimentação integrada, além de clínicas médicas e academia com 1.000 m². E sua inauguração está previsto para o mês de abril agora.

É grande a pedida de um curso para maridos de forma iniciante, e assim que a poeira baixar fiquem ligados em minha rede social @waltinhoulysses que estarei lançando a primeira turma de vinte alunos e um preço bem especial.

Tem uma rádio e uma tv no fim do túnel em namoro profissional para esse colunista, já tivemos duas reuniões e por ter vindo essa segunda onda muito forte do Covid foi dado uma segurada, mas logo em breve teremos algumas novidades por aqui.

Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. (1Coríntios 2:9)

PITADAS A GOSTO

Ceviche, cebiche, é um prato da culinária peruana baseado em peixe cru marinado em suco de limão ou lima ou outro cítrico. O essencial é que o pescado seja branco (sem muita gordura, nem músculo vermelho, como o sangacho do atum), mas de carne firme; camarão, lagosta ou mesmo polvo podem também ser usados.

Neste prato em especial eu fiz uma releitura para virar uma iguaria vegana.